

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)
Curso de Comunicação Social

Camille Faria Velloso

Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas
Tempo de convívio

IACS/UFF
Niterói
Julho de 2015

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS)
Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalista
Projeto Experimental em Jornalismo

Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas
Tempo de convívio
(Relatório Técnico – Livro-reportagem)

Projeto Experimental apresentado por
Camille Faria Velloso, Matrícula nº 21030140
como requisito obrigatório para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social – habilitação Jornalismo –
sob a orientação da Professora Denise Tavares

IACS/UFF
Niterói – julho de 2015

AGRADECIMENTOS

Nenhuma das páginas do livro-reportagem teria sido escrita sem um bom número de pessoas que estiveram presentes me motivando durante todo o processo. Alguns com todo o apoio e carinho, outros com cobranças que serviram como um forte combustível para mim. Por isso, quero agradecer a todos da minha família e aos meus amados amigos.

Antes de tudo quero agradecer aos meus pais, Miriam e Carlos Henrique, que tiveram toda a paciência e que tanto me motivaram e inspiraram durante toda a vida. E, principalmente, por todo o esforço e trabalho em conjunto que fizeram para que eu pudesse chegar a este momento. E a minha irmã, Caroline, que diariamente renovou meu ânimo e me incentivou.

A minha avó, Rosa Carmelina, que nunca deixou de me abraçar e dizer aquelas palavras de conforto, todas as vezes em que precisei. Obrigada, por depositar a sua fé em mim.

Aos amigos que tanto me ouviram falar sobre as ideias, o tema e até os desabafos desse longo processo nas mais distintas e inúmeras horas. O meu obrigada especial a Paola Oliveira por dividir a paixão pelo tema comigo, a causa para o início de tudo isso. E a Elena Wesley, Marcella Avila e Thamiris Alves por me apoiarem incondicionalmente desde o primeiro dia de aula. Ao Gustavo Lethier e Felipe Braga por lerem e relerem alguns trechos do livro, mesmo de madrugada. E aos tantos outros aqui não citados nominalmente.

Ao André Borba, o meu muito obrigada por aceitar e executar esse projeto gráfico maravilhoso que deu ao livro aquela carinha que eu tanto queria.

A toda a equipe da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro e aos refugiados e solicitantes que me deixaram conhecer mais de perto esse trabalho e tantas pessoas incríveis que me mudaram enquanto ser humano.

Aos professores que fizeram do percurso acadêmico algo tão especial e um caminho de descoberta e autoconhecimento. E a Larissa Morais e Carla Baiense que mesmo diante da rotina atribulada aceitaram, tão prontamente, o convite para compor a banca avaliadora.

E por último, o meu agradecimento à professora Denise Tavares que me acolheu, não só como orientanda, mas bem antes disso. O meu caminho na universidade não teria sido o mesmo sem esse encontro. Por isso e por me ensinar tanto até o fim deste ciclo, o meu carinho e muito obrigada.

Resumo

Instituição pioneira no atendimento aos refugiados, a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro é hoje uma das principais parceiras civis do ACNUR, no Brasil, na luta pelos direitos e integração dos refugiados e solicitantes de refúgio. Por esta razão, a Instituição foi escolhida como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso realizado no formato de livro-reportagem. Nomeado *Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas – Tempo de Convívio*, o livro traz um pouco da rotina de trabalho e como atua a CARJ dentro dessa temática e real situação que tem atraído os olhos do mundo. O intuito é mostrar o papel assumido pela Cáritas na luta pelos direitos e integração daqueles que buscam o Brasil como um local para recomeçar.

Palavras chave: Cáritas; ACNUR; Refúgio; Refugiado; Solicitante de refúgio; Livro-reportagem; UFF; Camille Velloso; Denise Tavares

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. REALIZAÇÃO.....	8
2.1 Pré-produção.....	8
2.2 Produção	10
2.3 Finalização	13
3. CONCLUSÃO.....	17
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19
5. ANEXO.....	20
5.1 Equipamentos.....	20
5.2 Ficha técnica.....	20

1. INTRODUÇÃO

Estima-se que existam hoje cerca de 18 milhões de refugiados no mundo, segundo dados publicados pela UNHCR. O número de deslocados já chega a mais de 46 milhões. Com conflitos armados e guerras civis acontecendo em vários países, esses números só têm feito crescer. Toda essa situação provoca diretamente a saída dessas pessoas em busca de um novo local onde possam recomeçar ou simplesmente se sentirem seguras. Um dos países que tem recebido um maior fluxo de refugiados e solicitantes de refúgio é o Brasil. Só até outubro de 2014 o país recebeu 8.302 novas solicitações, segundo o Comitê Nacional para os Refugiados, o CONARE.

O crescente número de deslocados e refugiados tem feito a questão do refúgio “saltar aos olhos do mundo” como uma situação nova. No entanto, a situação é um pouco mais antiga do que se imagina e só tem se intensificado. Diante desse quadro surgiu a ideia de pesquisar sobre a situação de refúgio no cenário brasileiro. Ainda assim parecia um recorte muito amplo para um Trabalho de Conclusão de Curso. Pesquisando um pouco mais descobri as Instituições Civis que trabalham em parceria com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, o ACNUR. Foi assim que encontrei a página de Facebook, rede social, da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro.

A partir daí foi preciso ligar para a Instituição e conseguir a autorização para a pesquisa. Mas é necessário dizer que o recorte não estava de um todo definido. Pensava em trabalhar com os refugiados em si e, orientada pela professora Denise, fui alertada sobre a importância das personagens. Então, a minha ideia de recorte e tema, ainda nesse estágio da pesquisa, era a figura do refugiado. E isso foi algo que se modificou e moldou conforme se deu a realização do trabalho.

Portanto, o livro-reportagem *Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas – Tempo de convívio*, pretende apresentar e enfatizar a importância do trabalho do Programa da CARJ junto ao ACNUR no atendimento aos refugiados e solicitantes de refúgio. Mais do que uma porta de entrada para aqueles que procuram no Brasil um novo lar, a instituição atua como um tipo de mediadora que garante o direito ao acesso de alguns serviços, como o de saúde e ensino públicos, aos refugiados e solicitantes. E é sob esta perspectiva que o livro busca contribuir para a compreensão da dimensão e valor do trabalho realizado por ela. E, sobretudo, a diferença que promove na vida dos que aqui chegam.

Portanto, a seguir, este relatório perpassará as etapas de pré-produção, produção e finalização da reportagem que compuseram o livro-reportagem.

2. REALIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM

2.1 Pré-produção

Na primeira visita feita a sede da Cáritas, fui apenas para conversar com a Coordenadora do Programa, Aline Thuller. Ali foram esclarecidas as dúvidas dela sobre que tipo de pesquisa e trabalho eu gostaria de realizar e de que limitações uma imporia a outra. Desde o primeiro instante já me contou mais sobre a história e o trabalho realizado pela CARJ e a quantidade de pessoas que atendem. Mas logo me apresentou um termo de compromisso que seria a condição para a liberação da pesquisa. No termo me comprometeria a não revelar, de forma alguma, nome ou identidade de qualquer um dos refugiados e solicitantes de refúgio, ainda que eles mesmos assim me autorizassem. Foi a partir daí, acredito, que tenha tomado uma dimensão maior e mais real da importância daquela Instituição para a proteção daqueles que procuram o Brasil como refúgio.

Ainda na primeira visita à sede da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, fui recebida pela Coordenadora Aline com cartilhas e materiais impressos e distribuídos pelo ACNUR, pronta para esclarecer minhas dúvidas. Era, então, preciso retomar a pesquisa e pensar acerca do tipo de produto que realizaria. Assim que conversei com Aline me dei conta de que seria necessário redefinir o formato do trabalho e com o auxílio da orientadora Denise ficou decidido que poderia mudar então para uma grande reportagem. No entanto, por uma questão de afinidade e da proporção que foi tomando, por fim decidiu-se que seria um livro-reportagem. Este formato permitiu maior variedade de possibilidades, como explica Sergio Vilas Boas em *O estilo magazine: o texto em revista*:

[...] o livro-reportagem oferece maior gama de possibilidades e amplitudes. O recurso de ‘documentar’ pode ser usado e abusado. Não há por que tratar o fato ou acontecimento gerador da ‘pauta’ em primeiro plano. Ocorre, isto sim, um desdobramento da ‘situação’ e da ‘questão’ envolvidas. Assim, a matéria ganha em fundamentação e sustentação, pois trata-se de uma coleta de dados ainda mais criteriosa. (VILAS BOAS, 1996, p.93)

A experiência de escrever um livro me pareceu bem empolgante e aberta a uma narrativa mais leve e humanizada do que a de uma grande reportagem. Mas antes de chegar ao tema e a decisão de trabalhar com um livro-reportagem foi preciso realizar uma busca por algo que realmente fosse forte o suficiente para se manter e justificar. Sobretudo, após a mudança de tema por três vezes. E ver como o Brasil tem sido procurado por pessoas que vivem situações extremas que as levam a deixar seus países de origem e toda uma vida para trás reforçou o motivo da proposta. E perceber o papel de instituições como a Cáritas que

tornam a chegada dessas pessoas aqui algo mais agradável e seguro foi o mote para focar o tema no Programa para Refugiados e solicitantes de refúgio.

Com tantos veículos de comunicação noticiando esse *boom* de refugiados no mundo e os que chegam a São Paulo, surgiram indagações de como se dava todo o processo para aqui ficarem. Foi mais uma das razões para o foco começar a se modificar. Outra foi o fato da Coordenadora esclarecer que costumavam receber cerca de 1500 pessoas para atendimento enquanto tinham apenas 8 funcionários.

Outra coisa que precisa ser esclarecida é a ideia inicial quanto ao formato do TCC. A primeira escolha foi pelo documentário. No entanto, após essa primeira visita feita a sede da Cáritas começou a surgir a dúvida sobre esse formato. Pode-se dizer que esta foi uma das razões cruciais para a mudança de formato para o livro-reportagem.

Com o tema e o formato enfim definidos era preciso pensar em que tipo de público alvo gostaria de atingir com o livro. E mais uma vez o trabalho tomou forma conforme visitava e ouvia mais dentro da própria CARJ. Conversando um pouco sobre o tema com alguns amigos pude observar que a maioria não fazia ideia do que era a Cáritas ou como funcionavam as políticas para o acolhimento de refúgio aqui no Brasil. Partindo disto, e da própria visão comum que tinha antes de conhecer o trabalho dessas instituições, percebi que este poderia ser um caminho. Assim o público alvo desejado era o de jovens entre 20 e 30 anos, onde o intuito seria desfazer certos preconceitos com relação aos refugiados apresentando o trabalho realizado pelo Programa. A proposta de atingir os jovens era exatamente para que dessa maneira se trabalhassem os preconceitos em uma faixa que ainda é mais receptiva a novas ideias.

A pesquisa inicial sobre as Instituições Civis, que me levou até a Cáritas, também suscitou muitas dúvidas e receios. Isso de certa forma se refletiu bastante na hora de escolher o tipo de narrativa. E foi apenas nas visitas a sede da CARJ que isso pôde enfim ser determinado em conjunto com a escolha do público alvo em questão. O trabalho não teria acontecido de forma tão leve e prazerosa se não fosse o período de convivência dentro da sede da Cáritas. A oportunidade de acompanhar por dias a rotina da Instituição e o envolvimento, proporcionado a partir daí, foram fundamentais para o foco narrativo adotado. A forma como o assunto seria narrado era uma e tornou-se outra completamente diferente assim que entrei em contato com o ambiente da Instituição.

O caminho se desenhou no dia a dia da produção. O próprio ponto de vista da narrativa foi se delineando conforme me sentava para escrever e percebia como alguns relatos

ficavam mais interessantes quando podia me colocar para capturar cada momento de doação dos que tão gentilmente me contaram suas histórias. A própria forma como muitos dos refugiados e solicitantes, e mesmo os funcionários, me receberam já demonstrava e falava bastante por si. Bem como no caso das mulheres que durante a primeira aula do Projeto Refazer a que compareci, se esconderam da câmera e me abordaram apreensivas. E, por esta razão, ficou decidido que a reportagem seria narrada do meu ponto de vista.

Foi nessa fase de pré-produção, também, que compreendi que seria necessário que eu mesma desempenhasse as funções de entrevistar e fotografar. Percebi que dessa forma ajudaria as pessoas a se sentirem mais confortáveis já que muitos ainda olhavam com certo receio, principalmente, para a câmera. Acredito, inclusive, que essa tenha sido uma decisão acertada e facilitadora para uma melhor circulação no ambiente da CARJ. E talvez, exatamente, por essa razão tenha ocorrido a aproximação espontânea da maioria das personagens que decidiram e pediram para me contar suas histórias. Aliás, vale esclarecer que desde o princípio, com a assinatura do termo, me foi avisado que não poderia tirar fotos que identificassem de alguma forma o rosto dos refugiados e solicitantes de refúgio. Também me foi pedido que sempre que fosse fotografá-los, esclarecesse antes quem eu era e que tipo de trabalho estava realizando, já que algumas das pessoas por vezes poderiam me confundir com uma das voluntárias novas, como chegou a acontecer.

A utilização desse recurso de uma só pessoa entrevistando e fotografando, me permitiu além da aproximação com as personagens, um clima mais de bate papo do que de algo mais invasivo. Além disso, também me possibilitou tirar fotografias espontâneas e circular melhor entre as pessoas sem o pré-conceito de uma intrusa nas atividades cotidianas que poderiam alterar o comportamento delas.

2.1.2 Lista de perguntas separadas por grupo de entrevistados:

- a) Para os refugiados e solicitantes de refúgio
 - Qual é o seu nome?
 - Quantos anos tem?
 - Qual é o seu país de origem e de onde veio?
 - Por que escolheu o Brasil?
 - Possui família no Brasil ou veio sozinho?
 - Há quanto tempo está no Brasil?

- Já foi reconhecido como refugiado ou é solicitante de refúgio?
- O que ainda te incomoda aqui no Brasil?
- Já sofreu algum tipo de preconceito por ser um refugiado/solicitante de refúgio?
- Como chegou até a Cáritas?
- Como você vê o atendimento e a equipe da Cáritas?
- O que a Cáritas significa para você?

b) Para a equipe da Cáritas

- Qual é o seu nome?
- Qual é a sua idade?
- Qual é o seu cargo aqui na Cáritas?
- Faz parte da equipe fixa ou é voluntário?
- Como é a sua rotina de trabalho na Cáritas?
- Trabalha só na Cáritas?
- Como conheceu a Cáritas?
- O que a Cáritas mudou na sua vida?
- Como acha que a Cáritas te afetou/afeta enquanto pessoa?
- Como é trabalhar com essas pessoas que buscam o Brasil como refúgio?

2.2. Produção

O trabalho foi realizado basicamente com entrevistas feitas na sede da Cáritas e no auditório onde acontecem as aulas do Curso de Português. A concentração em tão poucos lugares poderia vir a ser um ponto negativo para o desenvolvimento do trabalho, mas não foi o que aconteceu. Como a Instituição oferece cursos fixos como o de português e o Projeto Refazer, e tive sorte de presenciar comemorações como a do Marco do Dia Universal da Criança, isto virou um ponto positivo para um melhor aprofundamento nessa rotina. Com isso pude acompanhar e conhecer, por exemplo, voluntários que frequentam a Cáritas apenas nos dias do Curso de português. Muitos são professores que dão aula em apenas um dia da semana, na terça ou na quinta, assim conheci e conversei com mais voluntários.

Outro benefício por frequentar esses mesmos espaços foi a convivência que me permitiu criar certo nível de intimidade não só com o trabalho, mas também com as pessoas. Foi de extrema importância comparecer as atividades mais de uma vez. Isso criou certa constância e consistência na hora de narrar como acontecem os cursos e atividades, mas

principalmente me fez parte daquele ambiente e grupo durante o tempo em que permaneci lá. Com o tempo muitas das mulheres que participavam do Projeto Refazer, na oficina Desabrochar, já me cumprimentavam como uma das colegas de classe assim que cruzava a porta. Com o passar dos dias fui me tornando mais um pedaço da aula e não uma intrusa que estava ali para realizar um trabalho. Foi a partir daí que as trocas começaram a acontecer.

Nas primeiras visitas os refugiados e solicitantes eram mais resistentes e de certo modo desconfiados quanto a minha presença ali. Por isso acabei concentrando os primeiros dias em conversar com a equipe da Cáritas e em conhecer melhor cada um dos serviços oferecidos na sede. Então, apenas na terceira visita a CARJ foi que consegui realmente conversar com o primeiro solicitante de refúgio. Inclusive, foi ele quem me abordou.

A partir dessa terceira visita foi que a maior parte dos refugiados e solicitantes que entrevistei vieram até mim, já se sentindo confortáveis para me contar suas histórias. Foi como uma espécie de gatilho, assim que o primeiro entrou em contato comigo os outros vieram, mas nem todos que entrevistei agiram assim.

Neste ponto ainda tinha dificuldades em transportar para o papel algumas das experiências vividas e presenciadas na CARJ. Ainda estava atenta as questões que havia elaborado para fazer as entrevistas, no entanto a própria espontaneidade com que fui abordada por algumas dessas pessoas que pediram para contar suas histórias, já modificou alguns dos meus questionamentos. E assim, naturalmente, foram surgindo outras questões e dificuldades.

Uma das grandes dificuldades que tive foi a de conseguir entrevistar alguma das refugiadas e solicitantes. As mulheres, de um modo geral, são mais desconfiadas na Cáritas. Elas já conviviam muito bem com a minha presença, conversavam e faziam perguntas, gostavam de ver as fotografias que fazia durante as aulas, mas não queriam dar entrevista. Já havia conversado com quatro homens até a minha última visita, quase duas semanas depois de idas a Instituição, mas nenhuma das mulheres havia aceitado conversar em caráter de entrevista. Essa questão me incomodou bastante durante a produção do livro, porque gostaria de ter perfis femininos também, principalmente para ter um ponto de vista de mulheres que vem de culturas tão diferentes. Mas aqui entrou a minha sensibilidade de não forçar ou mesmo tentar impor algum tipo de entrevista.

Uma das coisas que percebi foi o quanto criei expectativas sobre o que essas pessoas esperavam do Brasil por serem tão diferentes culturalmente. No entanto, convivendo e conversando com eles, pude me dar conta de que a principal diferença que possuímos é a forma como encaramos a vida: mesmo após tantos percalços, eles têm sempre um sorriso no

rosto e a vontade de recomeçar, enquanto muitos de nós nos aborrecemos e ignoramos o outro por estresses do dia a dia. Esse foi um dos aspectos que quis enfatizar no livro, o quanto essas pessoas têm desejos comuns e semelhantes aos de qualquer um que em muitas das vezes os hostiliza por preconceito e desconhecimento. E para isso acho que a escolha do livro-reportagem foi essencial, como explica Edvaldo Pereira Lima no livro *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*:

A função particular do livro-reportagem "é informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que oferecerá ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo" (LIMA, 2004).

Desta maneira procurei enfatizar o quanto a luta da Cáritas é importante. Porque nem mesmo os direitos básicos dessas pessoas está garantido sem a intervenção de entidades e instituições como a CARJ. E, independente das diferenças de cultura, tudo o que desejam é exatamente o básico. Querem ter o direito à moradia, ao ensino, à saúde e viverem de forma digna e segura. E esses direitos básicos lhes estão sendo negado a ponto de precisarem abandonar tudo o que possuem e conhecem para trás. Isto foi demonstrado em uma narrativa que mesclou objetividade e subjetividade da melhor forma possível, como cabe ao jornalista. Este, na verdade, nunca conseguirá deixar de lado sua subjetividade. Como explica Sylvia Moretzsohn no trecho a seguir do livro *Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico*:

A questão essencial para a afirmação da objetividade está em que há uma realidade exterior ao sujeito, que o precede, com a qual ele interage necessariamente através – mas não só – do trabalho e que é cognoscível através da razão. Uma polêmica central, porém, gira em torno da perspectiva de se conhecer o objeto “tal qual é”, na medida em que esse conhecimento depende do sujeito, do tipo de indagações que fará e dos instrumentos que desenvolve e utiliza nesse processo, e que evoluem ao longo da história. (...) não significa, portanto uma rejeição à razão, mas a compreensão de que o conhecimento é um processo mediado pela subjetividade. (MORETZSOHN, 2007)

É importante dizer que a maior parte do livro foi escrita após as quase duas semanas, se somados os dias, em visitas à Cáritas. A princípio foi necessário transcrever as entrevistas gravadas com um aparelho celular e as anotações feitas à mão. Em seguida montei um sumário inicial, antes ainda de encerrar o período de visitação a Instituição. Feita essa transcrição iniciei o processo de escrita.

Também foi necessário pensar nas fotos que seriam utilizadas, então fiz uma pré-seleção com o texto ainda em andamento. E apenas quando encerrei o texto e fiz as correções orientadas pela professora Denise, foi que realmente selecionei as fotos para dar prosseguimento à fase de finalização do projeto com a diagramação.

2.3. Finalização

A finalização, no caso a diagramação do livro, ficou sob a responsabilidade do meu amigo de curso, André, que tinha mais experiência. Informei a ele o tipo de organização que gostaria já com um formato pensado para impressão em papel tamanho A5. Foi utilizado para a realização do projeto gráfico e diagramação o programa Adobe InDesign. Todo este processo, mesmo não sendo feito diretamente por mim, foi realizado de acordo com o olhar que eu gostaria de passar sobre a Cáritas. Sobretudo, quanto ao aspecto familiar de conforto, e lar mesmo, que a Instituição representa para os refugiados e solicitantes de refúgio. Idealizei com ele, então, um projeto que ressaltasse principalmente um aspecto simples e limpo, sem muitos excessos.

Para isso foram escolhidas algumas poucas fotos que pudessem ilustrar cada uma das histórias contadas no decorrer do livro. Como é o caso das fotos da festa em comemoração ao Marco do Dia Universal da Criança. Foi decidido, então, que as fotografias ficariam concentradas em páginas no meio do livro com um material diferente, específico para aquelas páginas. Dessa forma não haveria nenhum excesso que pudesse pesar no projeto gráfico e visual final do livro.

O objetivo de manter uma diagramação simples e livre de excessos era não só refletir o ambiente da própria Cáritas, mas também de enfatizar e facilitar o entendimento de algumas das informações textuais fornecidas. Sem maiores distrações de recursos visuais o leitor teria a atenção sempre voltada para o texto. Como para compreender o trabalho realizado pela CARJ era necessário o esclarecimento de órgãos e políticas que não são de fácil entendimento e que não fazem parte do conhecimento geral, procurou-se passar isto através do tipo de narrativa adotado e da própria identidade visual do livro, o mais simples e livre de excesso quanto fosse possível.

Ainda pensando no projeto visual, boa parte do livro-reportagem foi narrada em capítulos curtos, mas que procuraram estabelecer da melhor forma as explicações e esclarecimentos necessários acerca da temática e do campo de atuação da própria Instituição. Com a organização dos capítulos a finalidade era a de apresentar o universo da temática dos

refugiados e situá-lo sobre quem é e que papel desenvolve a Instituição na qual se centra o livro. A sequência então, por si só, já faria o leitor perpassar desde a iniciação no universo da temática dos refugiados até ao que a própria Cáritas tanto preza que é a humanização da causa, no livro expressa pelas histórias dos refugiados e solicitantes atendidos pela CARJ e pelo próprio envolvimento da equipe demonstrado em um capítulo só com perfis os funcionários. Por esta razão, os capítulos ficaram organizados da seguinte forma:

- a) Apresentação: foi utilizado o mote do Dia Mundial do Refugiado, comemorado no dia 20 de junho, para contar a diferença causada em mim pela realização desse trabalho, já situando o leitor sobre o ponto de vista em que seria narrado o livro. Desta forma, mencionei por quantos dias visitei e acompanhei o cotidiano da Cáritas podendo compartilhar um pouco da experiência que é conviver com essas pessoas. Perpassei também aqui o caminho que me levou da escolha do tema até a primeira visita em si a Instituição. Também foram esclarecidos alguns pontos importantes para o prosseguimento do livro, como a distinção dos termos “refugiados” e “solicitantes de refúgio” utilizados em toda a narrativa, bem como a própria definição de refugiado segundo a lei 9.474/97.
- b) Portas e janelas azuis: neste capítulo foi detalhada a minha primeira visita e contato de fato com a Cáritas e a conversa que tive com a Coordenadora Aline, onde acordamos em que termos seria realizada a pesquisa. Aqui também foram abordadas questões como a própria história da Instituição e como foi iniciado o atendimento até que realmente se mudassem para a sede atual na São Francisco Xavier. Esse capítulo foi importante para criar uma primeira impressão sobre a CARJ vista dos olhos de alguém que nunca antes teve contato com a questão dos refugiados, introduzindo desta forma o leitor a um tema que ele próprio pode não conhecer também. Era necessário que o leitor se identificasse com essa experiência.
- c) Chegada ao novo lar: este capítulo foi iniciado a partir de um gancho deixado no final do anterior, na própria fala da Coordenadora, sobre um dos maiores problemas enfrentados pela Instituição acerca do preconceito contra os refugiados. Aqui, então, foram narradas as providências e percursos que uma pessoa que procura o Brasil em busca de refúgio precisa tomar. O papel da Cáritas e a importância da avaliação diagnóstica do ACNUR para melhor atender a essas pessoas diante das dificuldades e o percurso legal que precisam enfrentar. Também foram apresentados alguns dos direitos e deveres de um refugiado ou solicitante de refúgio a partir do instante em que faz a solicitação.

- d) Então, é recomeçar: aqui foram abordadas as principais atividades oferecidas pela Cáritas no atendimento ao refugiado e solicitante de refúgio. Foram citados os trabalhos realizados por todos os setores da Instituição, desde o jurídico até o de integração e psicológico que se dão nas aulas de artesanato. Alguns dos destaques aqui, como o Curso de Português e o Projeto Refazer, me permitiram uma maior aproximação com a rotina tanto dos funcionários da CARJ quanto dos que buscam o seu atendimento.
- e) Dia de criança: realizada em comemoração ao Marco do Dia Universal da Criança, em 20 de novembro, a festa acabou entrando como um capítulo por sua significação. Este é um dos poucos capítulos não planejados que mudaram o rumo da narrativa. O próprio clima compartilhado nesse dia me permitiu compreender melhor a relação desenvolvida entre funcionários, refugiados e solicitantes de refúgio. Por esta razão, foi decidido incluir a festa como um capítulo, para que pudesse passar de forma mais clara essa relação e troca sempre tão presentes no cotidiano da CARJ. Por ter sido também nesse dia onde boa parte das conversas com os refugiados aconteceram, decidi que seria um bom caminho para a ambientação do capítulo que viria a seguir.
- f) Histórias de uma varanda: o sexto capítulo do livro foi um dos mais prazerosos de escrever. Como disse anteriormente, boa parte das entrevistas que fiz com os refugiados e solicitantes foi realizada durante a festa do Marco do Dia Universal da Criança. Por isso, a escolha dessa sequência de capítulos foi tão importante para dar coesão e coerência à narrativa num todo. Foram narradas aqui as conversas com cada uma dessas pessoas que, tão gentilmente, compartilharam comigo suas histórias de vida. Este capítulo é de suma importância para mostrar ao leitor o lado humano tão escondido atrás dos crescentes números quando o assunto é refúgio. E dar voz a cada uma dessas pessoas que de próprio depoimento expressaram a importância do trabalho da Cáritas na vida delas.
- g) Braços da acolhida: em seguida veio o capítulo que daria voz e rosto aos personagens já citados antes não só no capítulo anterior, mas também no *Então, é recomeçar*. Nele foram apresentados os responsáveis por todo o trabalho realizado na Cáritas, traçando a forma como cada um chegou a Instituição e a importância que esta tem não só na vida dos que ela atende, mas também dos que lá trabalham.
- h) Uma Porta de saída: no último capítulo de narrativa quis reforçar a importância da Cáritas utilizando de dados numéricos. A ideia era utilizar os números de forma que pudessem ilustrar a situação do refúgio e o alcance e relevância do trabalho da CARJ, traçando também o perfil dos refugiados e solicitantes atendidos pela Instituição. O título surgiu de

uma expressão definida pela própria Coordenadora Aline e que me pareceu totalmente cabível e ilustrativa quanto ao papel desempenhado pela Cáritas nesse cenário.

- i) Organizações da sociedade civil parceiras do ACNUR: para encerrar decidi, então, que seria interessante compartilhar o endereço e qualquer meio de contato que pudesse facilitar as pessoas interessadas em conhecer e ajudar, de perto, o trabalho realizado por essas Instituições.
- j) Referências: foi listado aqui todo o material fornecido pela Cáritas, já citado anteriormente, e que tanto me foi útil. O material pode ser encontrado na internet por qualquer pessoa que queira se inteirar um pouco mais sobre a temática e a causa trabalhada por estas Instituições.

Com relação às notas de rodapé, optou-se colocá-las ao final dos capítulos para facilitar o processo de diagramação e por uma questão estética. Evitou-se também desta forma deixar espaços e folhas em branco de modo displicente. Por tal decisão, as notas vêm ao final da última página de cada capítulo. Assim se deu o trabalho que culminou em um produto final, o livro-reportagem sobre o serviço prestado pela Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro com os refugiados e solicitantes de refúgio.

3. CONCLUSÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, e mesmo todas as dificuldades enfrentadas durante a sua realização, foi a experiência final mais importante que pude realizar na graduação de jornalismo. Com a iniciativa desse trabalho com uma dinâmica mais prática pude perceber várias nuances e fases de produção que aplicaram os conhecimentos adquiridos durante o curso, como a apuração pura e simples junto à fonte.

Acredito que não teria o mesmo aproveitamento e riqueza de detalhes, sobretudo os humanos, para a composição desse livro se não fosse a possibilidade desse mergulho e período de convívio na Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro. A opção de produzir um livro-reportagem foi bem interessante por se tratar de algo que eu ainda não havia tido a oportunidade de viver durante o curso, esse jornalismo mais humanizado e aprofundado onde o mergulho é essencial para a composição da matéria. A própria forma de narrar com uma linguagem mais simples e próxima foi uma experiência muito importante.

Outra situação vivida durante a realização desse trabalho que o tornou tão importante foi a de desempenhá-lo sozinha em campo. Durante o curso muitos dos trabalhos são realizados em equipe e cada integrante fica designado a um determinado tipo de função de acordo com a sua zona de conforto. Foi necessário sair da minha zona de conforto e me aventurar em áreas que não domino, como a própria fotografia. No entanto, durante todo esse trabalho, ter a oportunidade de fazer sozinha todas as funções (pesquisa, reportagem, fotografia, processo de escrita e idealização do projeto gráfico, excetuando-se a diagramação) contribuíram para o meu crescimento enquanto profissional. Além do próprio crescimento pessoal de conhecer mais profundamente um tema que tanto me encantou e um serviço prestado por e para pessoas tão incríveis e cheias de visões e vivências que são em si lições de vida.

As próprias dificuldades me ajudaram a amadurecer e compreender melhor a importância de uma boa pesquisa, organização e principalmente disciplina. O processo de escrita foi bem mais árduo do que imaginei a princípio, principalmente por exigir uma disciplina que às vezes não nos habituamos durante o curso de jornalismo. Sempre tão acostumados a fazer as coisas de maneira apressada para fechamento, situação oposta à produção de um livro que da mesma forma que exige um mergulho maior também pede um período mais longo de reflexão e produção. Considero o trabalho essencial para a minha formação, porque me permitiu refletir bastante acerca do tema escolhido e da minha maneira mesmo de produzir e trabalhar que vinha fazendo de forma atabalhoada se

não automática no decorrer do curso. Foi um convite à reflexão de um tema tão delicado. Um dos ensinamentos que os professores tanto nos exigem na realização dos projetos e trabalhos, ao longo da graduação, sobretudo na composição de matérias, é a reflexão. Esse trabalho me proporcionou enfim a aprendizagem desse ensinamento.

É preciso dizer, ainda, que o trabalho chegou à comprovação de sua principal tese sobre a importância do trabalho da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro para a integração da vida daqueles que aqui chegam. A comprovação se deu a partir de depoimentos tanto dos funcionários que relataram casos de refugiados e solicitantes, que de tempos em tempos retornam a sede para agradecer; quanto das próprias conversas que pude ter com os refugiados e solicitantes que enumeraram diversas conquistas advindas do auxílio da CARJ, como o caso da *Mãe Colombiana* narrado no capítulo *Histórias de uma varanda* e dos próprios números fornecidos pela Instituição acerca do atendimento realizado, utilizados no capítulo *Uma porta de saída* que finaliza o livro.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ARISTÓTELES. **Arte poética**. Trad.: Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret. 2007

BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação da informação ao receptor**. Brasil: Editora Moderna, 1995.

MORETZSOHN, Sylvia. **Pensando contra os fatos – Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

PANNUNZIO, Fábio. **A última trincheira**. Rio de Janeiro: Record. 2001.

PEREIRA LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Brasil: Manole Ltda, 2008.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes Crime e Castigo**. Brasil: Companhia das Letras. 2003.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

Sites:

_____. **Coletânea de Instrumentos de Proteção Nacional e Internacional de Refugiados e Apátridas**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2012/Lei_947_97_e_Coletanea_de_Instrumentos_de_Protecao_Internacional_de_Refugiados_e_Apatridas> Acesso em: 15 Jan 2014.

_____. **Refúgio no Brasil: Uma análise estatística (2010 – 2013)**. Disponível em <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2013.pdf> Acesso em: 29 Set 2014.

_____. **Refúgio no Brasil: Uma análise estatística (2010 – 2014)**. Disponível em <<http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/dados-sobre-refugio-no-brasil/>> Acesso em: 3 Dez 2014

5. ANEXOS

5.1 Equipamentos

Os equipamentos utilizados na realização da reportagem que compõe o livro foram os seguintes:

- Uma câmera digital Canon T3i, com lente 18-55mm
- Um aparelho de celular SAMSUNG utilizado como gravador para a realização das entrevistas

5.2 Ficha Técnica

- Título: *Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas – Tempo de Convívio*
- Ano: 2015
- Número de Páginas: 103
- Sinopse: O livro-reportagem apresenta o trabalho realizado pela Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, Instituição Civil parceira do ACNUR, no atendimento aos refugiados e solicitantes de refúgio. É um pouco do cotidiano que faz da CARJ tão importante para os que buscam o Brasil como refúgio.
- Equipe:

Produção, reportagem e autoria: Camille Velloso

Fotos: Camille Velloso

Projeto gráfico e diagramação: André Borba

Orientação: Denise Tavares

Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas



Tempo de convívio

— Camille Velloso —

Refúgio:
seu primeiro nome é Cáritas



Tempo de convívio

Camille Velloso

Refúgio:
seu primeiro nome é Cáritas



Tempo de convívio

Refúgio: seu primeiro nome é Cáritas - Tempo de convívio

Livro-reportagem de Camille Velloso

Orientação: Prof^a Dr^a Denise Tavares

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do título
de bacharel em Comunicação Social - Jornalismo

Projeto gráfico e diagramação: André Borba



Sumário

Apresentação 9

Portas e janelas azuis 15

Chegada ao novo lar 23

Então, é recomeçar 31

Dia de criança 41

Histórias de uma varanda 49

Braços da acolhida 69

Uma porta de saída 85

Organizações da sociedade civil parceiras do ACNUR 91

Referências 93

Apresentação

COMEMORADO NO dia 20 de junho, o Dia Mundial do Refugiado hoje tem um significado bem diferente para mim após a convivência com solicitantes e refugiados. Ao todo foram quase duas semanas de convívio dentro da rotina da Instituição Civil Cáritas. A ideia era acompanhar a rotina da Instituição para compreender o papel desenvolvido por ela na recepção e estabelecimento dos refugiados que chegam ao país.

Para que melhor pudesse acompanhar essa rotina, já no primeiro dia fui apresentada aos funcionários e a programação da Cáritas. Foi decidido, então, que poderia acompanhar as atividades, desde que me apresentasse aos solicitantes e refugiados antes. A convivência me fez compreender que, enfim, não poderia ter realizado o trabalho de outra forma. Era necessário esse contato direto. E foi assim que percebi que a escolha do tema estava correta. A Instituição que representaria uma parte do tema acabou se tornando o principal personagem, o protagonista em si. O caminho até o tema foi mais longo.

Devo dizer, então, que existem interesses que nascem da maneira mais ingênua possível e tomam dimensões que nos desafiam. Foi assim que surgiu em mim a vontade de trabalhar com a temática dos refugiados: estava conversando com uma amiga, voluntária na ADUS, que trabalha com refugiados, sobre o número de pessoas

procurando no Brasil um lugar seguro para viver.

Entre o início da conversa, impulsionado pelo número crescente de matérias que pululavam a cada dia nos grandes meios de comunicação e na internet, e o mergulho de fato no tema, o processo foi rápido. Talvez deva acrescentar que esta agilidade pode ter acontecido por se tratar de um diálogo entre uma graduada em Relações Internacionais e uma aspirante a jornalista. Isto é, com duas pessoas com este perfil voltado tão facilmente para a cobertura feita acerca dessa questão.

Somando os fatores, descoberta do trabalho voluntário na ONG e o grande bombardeio de notícias a respeito, comecei a me perguntar o que eu realmente sabia sobre essas pessoas e suas condições. E a minha visão de refugiado não era realmente muito diferente da mais comum que se tem: pessoas fugindo de seus países.

A cada clique em links e materiais indicados da ONU vi um mundo se abrir e siglas como ACNUR¹ e CONARE² ficarem mais familiares. E aqueles que eram apenas denominados de refugiados, passaram a se dividir em vários grupos com nomenclaturas variadas. Destas, duas são importantes esclarecer: solicitantes de refúgio e refugiados. Pode parecer pouco, mas essa diferença é que determina aquele a quem já foi ou não deferido o direito de permanência no país.

Antes de prosseguir, acredito que seja importante esclarecer essas definições. Segundo o artigo 1º da Lei 9.474/97, será reconhecido como refugiado todo indivíduo que:

I – devido a fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontre-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país;

II – não tendo nacionalidade e estando fora do país onde antes teve sua residência habitual, não possa ou não queira regressar a ele,

em função das circunstâncias descritas no inciso anterior;

III – devido a grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país.”

Ao chegar ao Brasil a pessoa deverá se apresentar à Polícia Federal e solicitar o refúgio, obtendo o *status* de solicitante de refúgio com direito a um protocolo provisório que tornará legal a sua permanência no país até que tenha sua solicitação julgada pelo CONARE. O solicitante só passará a ser denominado refugiado quando aprovado e reconhecido pelo Comitê e receber o RNE, Registro Nacional de Estrangeiros, garantindo então a sua permanência em território brasileiro. Nenhum refugiado ou solicitante de refúgio pode ser devolvido ou expulso para um país onde a sua segurança esteja comprometida. Este direito é denominado *non refoulement*³.

Após tomar conhecimento das diferenças básicas entre essas definições, procurei mais informações sobre as instituições civis parceiras do ACNUR. Dentre elas, a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro me chamou a atenção por se tratar de um local de referência no assunto. Outra questão, é que seria possível eu conhecê-la de perto.

Um caminho entremeado de pesquisas, troca de e-mails e telefonemas me levou até aquela casa branca, pequena, de esquina com portas e janelas azuis, localizada na Rua São Francisco Xavier, número 483. Conhecido como o bairro de classe média alta da Zona Norte do Rio de Janeiro, onde fica a maior atração do futebol mundial, o Maracanã.

É nesta rua movimentada em meio a cruzamentos, carros e pessoas apressadas, que o mundo que visita o Estádio passa despercebido por aquela casa de esquina que abriga um universo ainda maior no número 483. E ao se aproximar é possível ver a fila que se forma na varanda e já ouvir a miscelânea de línguas e dialetos antes mes-

mo de ultrapassar o portão de ferro, antigo e pesado. Este é sempre mantido apenas encostado como incentivo para quem decidiu dar o primeiro passo em busca de uma nova vida. Atravessando o limiar, pode-se ver o que concentra a atenção de todas aquelas pessoas: uma portinha no final da varanda de onde saem os funcionários e voluntários que chamam sempre por um nome. Alguém se levanta, vai até lá e segue porta adentro.

Na varanda larga e comprida as muitas conversas e risos continuam e são interrompidos, eventualmente, pelo fluxo dos voluntários e funcionários que passam pelo corredor humano e se deslocam das salas da administração e assistência social até o setor jurídico, localizado em uma segunda porta à direita. Neste curto caminho é possível ver quantos sorrisos se abrem em cada troca de palavras, ainda que com certo receio provocado pelas barreiras do idioma e da própria timidez.

A maneira de olhar entre voluntários e refugiados é sempre direta e franca. O que desarma os mais sérios. É o traço mais comum que alguém como eu, ali pela primeira vez, pode observar naquele ambiente. Algo capaz, até, de me fazer esquecer os motivos que me levaram ali. E, também não me lembrar do propósito perseverante daquela casa de portas e janelas azuis e daqueles que esperam por sua vez no atendimento. Poderia ser mais uma narrativa de um lugar qualquer, aquelas pessoas poderiam compor apenas mais um cenário, no entanto, por trás de cada sorriso há uma história de alguém que precisou abandonar o lar, o trabalho, a família e a própria nação em busca de um local seguro.

Aquela casa na esquina é a sede da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro que atua pela proteção e promoção social dos direitos de refugiados e solicitantes de refúgio.

¹ Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados - Foi criado pela

Notas

Assembleia Geral da ONU, em 14 de dezembro de 1950, para proteger e prestar assistência às vítimas que sofressem perseguição, intolerância e violência. O trabalho do ACNUR é de caráter humanitário, social e apolítico. Visa proteger refugiados e criar soluções duradouras para proporcionar a oportunidade de reconstrução de vida dessas pessoas em local seguro.

² Comitê Nacional para Refugiados - Foi criado em 22 de julho de 1997, quando o Brasil incorporou os princípios humanitários da Convenção de 1951 da ONU sobre o Estatuto dos Refugiados e promulgou a Lei nº 9.474 tornando-o o órgão de elegibilidade representativo e democrático. Sua principal atribuição é a de declarar o “status” de refugiado, em primeira instância.

³ Não devolução.

Portas e janelas azuis

O TRÂNSITO ao redor do estádio do Maracanã é lento. A faixa de ônibus, agora, mais parece um corredor extenso de tubos brancos com tantos deles enfileirados. O som ao redor é ensurdecedor: o zunido constante das obras se soma a buzinas nervosas. São quase duas da tarde e qualquer visitante desavisado poderia achar que algo extraordinário aconteceu para causar toda aquela balbúrdia, mas é só o trânsito habitual da cidade do Rio de Janeiro.

O estádio recém-reformado parece repousar impassível, a tudo isso. Incólume a toda a bagunça do buzinaço, das obras, das pessoas suspirando estarecidas enlatadas dentro dos ônibus lotados em seu corredor de tubos brancos, dos motoristas mais nervosos dentro dos carros que somam gritos e xingamentos a suas potentes buzinas.

O carro contorna e entra na São Francisco Xavier à procura do número 483. Uma casa de esquina chama a minha atenção: lá está o número entre os dois portões azuis antigos e aparentemente pesados. No mesmo tom um pouco já desbotado, talvez pelo tempo e pelo tanto de histórias que soma. Há também uma caixa de correio fixada na parede onde estão os três algarismos que identificam a casa. Logo abaixo o interfone disputa espaço com uma placa amarela de letras vermelhas, azuis e pretas:

HORÁRIO DE ATENDIMENTO

2ª e 3ª feira	9h30 às 12h30 13h30 às 16h30
5ª e 6ª feira	13h30 às 16h30
4ª feira	Não há atendimento

Ao descer do carro, noto que do outro lado do portão uma placa bem maior revela o propósito por detrás daquele muro branco escrito em letras grandes vermelhas: “ATENDIMENTO A REFUGIADOS E SOLICITANTES DE REFÚGIO”. Junto a essas palavras há a logotipo da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro (CARJ) e dos parceiros com quem têm convênio: o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e do Ministério da Justiça/CONARE – Comitê Nacional para Refugiados.

Uma moça ruiva e sardonicamente simpática tenta abrir o portão e com uma feição de estranhamento toca o interfone enquanto me aproximo. Sorri e diretamente pergunta a mim: “Também vai entrar?”. Ela escuta o tilintar da tranca eletrônica sendo aberta lá de dentro, se volta para o guardião azul e o empurra entrando e dando passagem.

Quando perguntada se sabe onde está a Aline, pede para que a acompanhe. Apressada, distribui um ou outro “boa tarde”, vence os dois degraus de acesso à enorme varanda e caminha até a porta azul ao final desta. Logo atrás dela, percorro cada pedaço da extensão daquela varanda e suas portas e janelas azuis com os olhos. Observo principalmente a porta no final do corredor, para onde vamos: as atenções parecem voltadas para lá.

Pequenos grupos de homens e algumas poucas mulheres se dividem entre as muretas e os bancos, naquele corredor humano formado, até a porta ao final da varanda. Observam a movimentação en-

quanto respondem ao “Boa tarde”. Um funcionário aparece na porta quando estamos para cruzar o limiar e chama por um nome. Um dos homens que aguardava se levanta e vai até ele. Os dois entram e passam pela então revelada recepção e seguem para a esquerda virando num corredor.

O recepcionista, sentado à mesa de frente para a entrada, levanta o olhar e animado cumprimenta a colega de trabalho. Trocam algumas palavras e em seguida ele vai em busca de Aline, entrando no mesmo corredor que os outros homens. A mulher ruiva diz que se chama Lara e sai pela porta fazendo o caminho de volta. Ela entra na primeira porta à esquerda, provavelmente para cuidar de seus afazeres, de onde se ouvem várias vozes femininas falando em idiomas diferentes.

O homem retorna e, volta a sentar atrás da mesa. Com um sorriso simpático pede que aguarde. Atrás dele há prateleiras onde uma série de pastas azuis se enfileira, etiquetadas com letras do alfabeto, formando uma espécie de arquivo.

- Só um minuto que ela já vai te atender. (Mais tarde descobrirei que seu nome é Paulo).

Sentada em um banco da varanda, vendo aquelas pessoas aguardando, é impossível não pensar em quantas esperas diárias acontecem ali. E quantas e quais não serão as histórias por detrás de cada uma daquelas pessoas e seus olhares curiosos. E quantas delas a própria Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, a CARJ, já ajudou.

Aliás, relembrar a maneira como conheci a Cáritas/RJ, através da conversa com uma amiga voluntária em outra ONG que também atende refugiados, é pensar na própria rede de solidariedade que há aqui.

A Cáritas Brasileira é um organismo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e uma das organizações da Cáritas Internacional. Os braços da solidariedade da igreja católica que se estenderam por tantos países e chegaram até aqui, em terras brasileiras, são hoje

os mesmos que colocam de pé o programa Centro de Acolhida ao Refugiado, trabalho realizado pela CARJ¹ e pela CASP².

Até a chegada naquela casa de esquina o caminho se tramou por sites, contato telefônico e agendamento de visita. E agora, dentro desses muros naquele banco de espera, a minha cabeça inunda de reflexões sobre os caminhos daquelas portas e janelas azuis. E, na realidade, sobre tudo o que veio antes delas, desde os tempos em que ainda faziam os atendimentos na sede na Glória, em uma sala da Residência oficial do arcebispo, o Palácio São Joaquim, no número 446.

Olhar a casa com cara de lar na São Francisco Xavier que faz esquina com a Av. Professor Manuel de Abreu, onde esses homens e mulheres conversam em vários idiomas, aciona a pergunta: será que ao abrir as portas da residência oficial aos que chegavam ao país fugindo, em pleno período militar e ditatorial, o arcebispo sabia que daria início ao trabalho da instituição pioneira na assistência a refugiados no Brasil?

O arcebispo entendia que sem ter alguma lei no país na qual se apoiar para ajudar aos que chegavam ao Brasil em busca de refúgio, naquela época os pedidos de refúgio ainda eram julgados e concedidos pela própria ONU, o lugar em que poderia oferecer proteção era ali, na residência oficial. Então, assumiu para si o dever com aquelas pessoas, a maioria vinda do Cone Sul, até que fossem reassentadas em outros países, da América Latina e Europa. Não era permitido que ficassem no Brasil, dado o período político complicado.

Quem olha os jardins do Palácio São Joaquim não imagina que foi ali que nasceu, na década de 1970, a primeira sede do programa da CARJ, organismo da Arquidiocese do Rio de Janeiro, a trabalhar com refugiados e solicitantes de refúgio. Depois dos anos 1990, com o fim das ditaduras e o decrescente número de latino americanos vindo para o Brasil, o novo desafio da instituição e do arcebispo pas-

sou a ser o grande fluxo de angolanos que chegava em voos diretos aqui no Rio.

Enquanto as coisas aconteciam sob os olhos atentos do arcebispo e da supervisão da Polícia Federal, o espaço ficou pequeno para um número de casos que só crescia. Passaram a receber cem casos novos em um dia e, no seguinte, mais cinquenta. Não era só a mudança nos números que preocupava aos atendentes da Cáritas, mas a mudança no fato de que essas pessoas que chegavam agora vinham para ficar. Era uma situação nova, mesmo para eles.

Duas coisas agora ficavam claras aos que recebiam os refugiados: acolher não podia mais se limitar a receber cada um e apenas oferecer proteção, mas trabalhar para que pudessem prestar um serviço de integração para essas pessoas. A segunda coisa era mudar a CARJ para um espaço maior.

Talvez em um primeiro momento nem mesmo o arcebispo soubesse que a sua iniciativa de acolher e dar proteção àquelas pessoas fosse tomar essas proporções. Muito menos ter reconhecimento suficiente para a criação de um programa entre a Cáritas/Rj com futuros parceiros que ainda apareceriam nesse cenário, como o ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados e o CONARE - Comitê Nacional para Refugiados. E foi em 2008 que a pequena sede nos jardins ganhou endereço e cara nova: muros brancos e portões e janelas azuis, no número 483, no bairro do Maracanã.

Aline surge na porta e me chama para conversarmos. Interrompo as reflexões e caminho até lá. Ela se apresenta como a coordenadora do Programa e, de volta à recepção, viramos pelo mesmo corredor à esquerda. Há uma sucessão de pequenas saletas formadas por divisórias, onde sentado atrás de cada mesa, está um funcionário. Em frente a um computador atendem as pessoas chamadas na porta da varanda. Em cada sala, as histórias contadas em português, ganham

o acento de sotaques franceses, espanhóis e outros tantos.

Chegando à saleta destinada à Aline, cada uma de nós se senta de um lado da mesa. A mulher de aparência jovem, com quem conversei apenas por telefone até então, tem os cabelos presos em um rabo de cavalo e usa óculos roxos. Ela se acomoda e sorri:

- Sou a Aline, coordenadora do Programa. O que quer saber sobre a Cáritas Arquidiocesna do Rio de Janeiro?

Ela prossegue explicando como a CARJ é hoje um dos principais pontos de assistência ao refugiado e solicitante de refúgio no Brasil. Em um momento interrompe-se e pede para que assine um termo de compromisso, para que não revele a identidade dessas pessoas em virtude da sua proteção:

- O ACNUR trabalha em campo de refugiados, com os funcionários deles atuando diretamente com essas pessoas. Já em meio urbano, especialmente na América, eles fazem parceria com instituições civis. Então, no Brasil, hoje, como instituições parceiras que trabalham com refugiados estão a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro, a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, o Instituto Migrações e Direitos humanos, em Brasília. Há também as instituições que trabalham com reassentados: o Centro de Defesa dos Direitos Humanos, em Guarulhos, e a Associação Antônio Vieira, em Porto Alegre.- explica com naturalidade enquanto gira uma caneta entre os dedos.- Somos uma das agências implementadoras ACNUR e CO-NARE, trabalhamos diretamente com eles e com o governo brasileiro, por isso fazemos todo o processo legal e de integração com essas instituições civis.

Batidas na porta interrompem a conversa mais de uma vez. São funcionários, por vezes os assistentes sociais, que vêm tirar uma ou outra dúvida sobre o procedimento a ser tomado em alguns casos de atendimento e pegar sua assinatura. Ela, então, sorri, se volta para a

conversa e pede desculpa.

- Desculpa, as coisas aqui são sempre corridas assim.

No mesmo tom leve, a coordenadora segue a explicação. A caneta ainda gira entre os dedos de forma distraída enquanto conta da divisão geográfica feita dentro das instituições parceiras do ACNUR e do CONARE para o acompanhamento e acolhida dos refugiados e solicitantes de refúgio em todo o país.

- Hoje, nós aqui no Rio atendemos a todos os que chegam: no estado do Rio, no estado de Minas e Espírito Santo, todos os estados do nordeste, do sul, alguns estados do norte com exceção de Acre e Roraima. Amazonas a gente não atendia até ano passado, aí Manaus já está com a gente de novo. Fazemos nesses lugares tudo o que fazemos aqui, mas com muito mais dificuldade, é claro. O nosso papel é acolher e garantir os direitos básicos dessas pessoas e fazemos isso ouvindo eles, ajudando da maneira que podemos, e encaminhando para os setores e serviços que precisam. Como, por exemplo, quando chegam precisam ser encaminhados para a Polícia Federal para fazer a solicitação de refúgio, quando eles têm algum tipo de problema no atendimento lá, nós os auxiliamos também.

Aquela casa é como uma matriz motora que impulsiona e mantém a rede funcionando e se estendendo para alcançar o objetivo principal: acolher aos que escolhem o Brasil como um novo lar. Mas Aline esclarece que não abrigam as pessoas recebidas ali na sede. As que conseguem deixam ficar na casa de acolhida cedida pela paróquia, só homens porque ainda são a maioria. Explica, ainda, que são financiados pelo ACNUR, metade do ano e na outra metade pelo CONARE. A Arquidiocese também ajuda oferecendo e custeando as despesas com funcionários, espaço e parcerias.

Enquanto segura uma mecha do cabelo preso, explica que toda a mudança no cenário atual, com as crises humanitárias cada vez mais

sérias, e o grande boom das migrações e pedidos de refúgio, uma das maiores dificuldades no acolhimento dessas pessoas ainda é o mais básico: o preconceito.

- Acho que uma das maiores dificuldades do nosso trabalho ainda é fazer com que as pessoas entendam que refugiado não é foragido. É mostrar que são pessoas que só buscam um local seguro porque, muitas vezes, perderam absolutamente tudo.

Notas

¹ Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro

² Cáritas Arquidiocesana de São Paulo

Chegada ao novo lar

LONGAS HORAS até a chegada. Um lugar onde não se conhece ninguém ao pisar no aeroporto, no porto, na rodoviária. Onde pessoas os observam porque não compreendem o que falam. Também não conseguem entender o que lhes dizem. Famílias deixadas sem a certeza de um reencontro, de viver junto novamente, de estarem sequer vivas. A renúncia ao que chamam de casa, o direito de escolha arrancado e onde a única opção é a fuga. Um recomeço, um desafio. Língua, clima, ambiente, culturas diferentes e toda a bagagem de motivos que os levaram a deixar tudo para trás em busca de segurança. Um refúgio. São só algumas das histórias dos que chegam a território brasileiro e ainda precisam enfrentar o maior dos desafios: o preconceito.

As dificuldades começam ainda na chegada. A falta de conhecimento da língua local, ou a ajuda de algum intérprete para orientá-los sobre o próximo passo e como chegar até a Polícia Federal onde devem justificar os motivos pelos quais solicitam o refúgio. É aí que o trabalho de Instituições civis, como a CARJ, entram. Essas instituições atuam como mediadoras entre os solicitantes, refugiados e esses serviços. Lutam para que toda pessoa que escolhe o Brasil como o início de uma vida nova, tenha seus direitos e deveres reconhecidos, como explicou a coordenadora da Cáritas.

Ao chegar ao país a pessoa que deseja solicitar o refúgio deve fazer uma entrevista com a polícia federal para declarar os motivos do pedido. De lá é encaminhada para as instituições civis parceiras do ACNUR. Quando chega à Cáritas sem ter realizado a visita a PF, é aconselhada a fazer a entrevista para só então retornar a CARJ. Na instituição fará uma entrevista com o advogado e o assistente social e a partir desse momento será feito o parecer de elegibilidade, para enquadrar a situação dessa pessoa em uma situação de refúgio, que será encaminhado ao CONARE que tomará a decisão final. Quando a resposta do pedido é negativa cabe ainda um recurso que deve ser feito em um prazo de quinze dias. O solicitante tem o direito de permanecer no país até a negativa do recurso.

Com a solicitação de refúgio já feita na Polícia Federal, o solicitante passa, automaticamente, a ter garantido pela lei de refúgio brasileira, nº 9.474/97, não penalização pela entrada irregular no país. Também é garantido o direito a documentos básicos como o protocolo de identidade e a carteira de trabalho, ambos provisórios. Esses documentos garantem a permanência e a liberdade de movimento em território brasileiro até a decisão do Comitê.

Tanto os solicitantes de refúgio quanto os refugiados têm garantido o acesso à saúde e à educação pública. O que distingue a situação de cada um desses status é apenas o nível desse acesso. Solicitantes têm direito apenas ao ensino público fundamental e médio, enquanto que os refugiados podem ingressar no ensino superior. Ambos podem trabalhar formalmente e possuem os mesmos direitos e deveres de qualquer outro cidadão brasileiro.

No entanto, uma das maiores dificuldades ao acesso, na prática, desses direitos, é a falta de conhecimento por muitas vezes das próprias instituições públicas. Como é o caso dos hospitais e escolas. Aline comenta que em algumas vezes essas instituições chegam

a entrar em contato com a Cáritas, que encaminha os solicitantes e refugiados para esses serviços, para perguntar se podem mesmo atendê-los ou não. Muitas vezes porque não sabem como devem agir por faltar ainda esse esclarecimento junto a essas instituições.

É em momentos como esses, em situações cotidianas, que o trabalho da Cáritas é tão importante. Além de lutar pela proteção e segurança dessas pessoas em território brasileiro, ajudando com todo o processo de solicitação do pedido de refúgio, também se dedicam a todo o percurso de integração e acesso a esses direitos. É a sensibilidade de quem convive e escuta as pessoas que, felizmente, ajuda a torná-las mais do que apenas números grandes e crescentes que apontam situações críticas de pessoas obrigadas a abandonar seus países de origem.

A psicóloga e voluntária Lara, em uma das conversas que tivemos, cita o caso das mulheres solicitantes e refugiadas com quem trabalha nas aulas de artesanato do Projeto Refazer realizado na Cáritas:

- A questão delas é muito prática, é do dia a dia. Têm a dificuldade da língua, de se encaixar na rotina que nós já conhecemos, mas que para elas é tudo novo. É difícil para elas ter que lidar com hospital, fiador, trabalho e essas questões mais do cotidiano mesmo. Algumas comentam que ficam até desconfiadas quando vão a entrevistas porque não sabem quando os empregadores estão tirando onda ou sendo abusivos nas falas e pedidos. Isso tudo é muito pouco para nós, brasileiros já nascidos nessa cultura, mas representa uma parte muito grande para elas. E nem sempre tem alguém junto delas nessas situações diárias para explicar ali, naquele momento, naquela hora. É complicado.

Para ouvir e sentir mais de perto as reais dificuldades dessas pessoas que estão em pleno processo de integração ao novo país, o AC-NUR promove avaliações diagnósticas com a ajuda das instituições

civis como a CARJ. Pude acompanhar uma dessas avaliações que aconteceu no dia do curso de português oferecido pela Cáritas na Paróquia do Divino Espírito Santo e São João Batista. As turmas foram comunicadas ainda no espaço de entrada onde costumam conversar antes e depois das aulas.

A coordenadora Aline contou com a ajuda dos próprios solicitantes e refugiados que se voluntariaram para fazer a tradução para todos que ainda não compreendem muito bem o português. Desta forma, apresentou os representantes do ACNUR que estavam presentes e estes explicaram como seria feita a avaliação. Em seguida, a turma de mulheres que participam das aulas de artesanato apresentou um mosaico, produzido por elas, no qual trabalharam questões como a liberdade e igualdade e a mensagem de boas vindas.

Após a apresentação todos os alunos foram então convidados a lancha e, por fim, encaminhados para as salas onde foram divididos em turmas de acordo com os gêneros: as mulheres em uma sala e os homens em outra. A mesma divisão aconteceu com os funcionários que coordenaram as turmas.

Com a ajuda dos funcionários e voluntários foram trazidos para debate alguns temas do cotidiano como educação, saúde e moradia. A intenção, como explicaram a representante do ACNUR e a coordenadora da CARJ, era saber a opinião deles sobre como essas questões e direitos funcionam, realmente, na prática, e quais dificuldades ainda possuem. A discussão que começou branda, interrompida apenas pelas brincadeiras das crianças que corriam dividindo a atenção das mães entre a vigia e a participação na atividade, acabou se tornando bem agitada.

As mulheres, cuja atividade pude acompanhar, se mostraram bem inquietas com algumas situações como moradia e saúde. Uma das maiores reclamações é a dificuldade de arrumar uma moradia

que caiba no orçamento, ainda instável pela condição de estrangeiras em um novo país, em local razoável e seguro. Outro obstáculo quanto à moradia é a questão da necessidade de um fiador.

Outro tema que as aflige, e até revolta, é a saúde. Como boa parte das mulheres naquela sala possui filhos, esse ponto da discussão foi mais acalorado. As refugiadas e solicitantes começaram a contar experiências que tiveram nas vezes em que precisaram de atendimento hospitalar para suas crianças. Dois pontos em comum nessa reclamação foram a demora do atendimento, várias relataram que em muitos casos foram mandadas de volta para casa com os filhos ardendo em febre, e a dificuldade para conseguir o atendimento pela condição de refugiadas e solicitantes. Parte desse problema é provocada já na hora de se identificar. Todas ali possuem o Protocolo Provisório de identificação, que consiste em uma folha simples de A4. Isso acaba levantando dúvida sobre a veracidade da documentação.

A coordenadora defende que essas avaliações são bem importantes para diagnosticar os maiores obstáculos ainda enfrentados por essas pessoas na prática. Para que, dessa forma, possam sempre melhorar o atendimento de acordo com a situação real enfrentada. Outro ponto que ela levanta é a importância da aproximação daqueles que as atende e defende com a situação por elas vivida:

- Às vezes o ACNUR fica bastante envolvido com a questão burocrática e trabalha muito com números. Nós, aqui da Cáritas, que convivemos com os refugiados e solicitantes, trabalhamos mais diretamente com essas pessoas. Vemos e sentimos suas dificuldades de perto.

Segundo ela, essa proximidade é necessária não só da parte daqueles que lutam pela segurança dessas pessoas, mas também de toda a população. O estigma de foragido que ainda persegue cada um desses solicitantes e refugiados que aqui chegam é, em boa parte, por conta da ignorância e falta de informações. A falta de proximidade e conhe-

cimento dos motivos e problemas enfrentados por aqueles que procuram refúgio torna o preconceito o maior dos obstáculos. A limitação de se conhecer apenas números, que só crescem, ainda assusta aqueles que não sabem das histórias por detrás desses algarismos.

Parte da preocupação da Cáritas é exatamente trabalhar essa questão do distanciamento de quem desconhece essa realidade por meio da humanização. Saber, por exemplo, que de acordo com o CONARE, até outubro de 2014, o Brasil possuía 7.289 refugiados reconhecidos, de 81 nacionalidades, e que foram contabilizadas outras 8.302 solicitações, não implica em conhecer a realidade de cada um dos países deixados para trás. Não significa compreender que essas pessoas realmente perderam tudo e precisaram abandonar seus países apenas com a roupa do corpo.

Dos relatos que ouvi, tanto dos solicitantes e refugiados quanto dos próprios funcionários, um dos pontos mais marcantes é a certeza de que o Brasil é visto como uma das possibilidades mais acessíveis para os que querem recomeçar. O que fica claramente refletido na análise feita pelo ACNUR, com base em dados fornecidos pelo CONARE, que registrou haver o crescimento de 930% no número de pedidos de refúgio no Brasil entre 2010 e 2013. As solicitações saltaram de 566 para 5.882 nesse período.

O número de refugiados reconhecidos até outubro de 2014, já citado, era de apenas 150 em 2010. Só nos dez primeiros meses do último ano foram 2.032 deferimentos pelo Comitê. Esse crescimento, mais acelerado em 2013 e 2014, é o reflexo do fortalecimento da ideia de proteção aos refugiados oferecida pelo país.

É um enorme progresso para um país que criou a própria lei, de nº9.474/97, um pouco tardiamente, em 1997. Vale esclarecer que em 1951 foi convocada em Genebra uma Conferência de Plenipotenciários¹ das Nações Unidas para elaborar uma Convenção que regula-

mentasse em termos legais o status dos refugiados. Em abril de 1954 entrou em vigor a Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados, com a definição do termo refugiado e o princípio de *non refoulement*. A Convenção garante dessa forma às condições asseguradas pelos Direitos Humanos na proteção à vida e dignidade. Também é pertinente a ela o reconhecimento de obrigações do Estado com o refugiado e do refugiado com o Estado, tais como:

- O refugiado possui deveres para com o país em que se encontra, portanto deve se conformar às leis, regulamentos e medidas tomadas para a manutenção de ordem pública.
- O Estado Membro deverá aplicar as disposições da Convenção sem discriminação de raça, religião ou país de origem.
- O Estado Membro deverá proporcionar aos refugiados tratamento favorável como o aplicado aos nacionais acerca da liberdade religiosa.
- O Estado Membro dará ao refugiado que resida em seu território de forma regular o mesmo tratamento trabalhista dispensado aos nacionais.

Outro marco importante na luta por esses direitos é a Declaração de Cartagena² sobre refugiados, que completou 30 anos em 2014. Com o crescente e a intensificação das crises humanitárias e conflitos armados a Declaração é a resultante da reunião, de 1984, realizada na cidade colombiana de Cartagena das Índias entre especialistas governamentais e juristas de países da América Latina. Teve como objetivo o debate de problemas legais e humanitários que afetavam as pessoas em situação de refúgio naquela região. Houve também a redefinição do conceito de refugiado, em virtude dos conflitos em território americano ocasionarem a fuga de pessoas que não se enquadravam nos preceitos definidos na Convenção de 1951 e que, no entanto, sofriam a mesma violência.

Ao seguir iniciativas como essas o Brasil criou, então, sua própria lei em 1997, adotando a definição ampliada do termo refugiado segundo a Declaração de Cartagena. Foi o primeiro passo para receber, de acordo com os princípios dos Direitos Humanos, as pessoas que, após enfrentarem situações extremas, abandonaram seus países e vieram para cá em busca de segurança.

Apesar de todas essas dificuldades encontradas até chegarem a território brasileiro, é unânime entre refugiados e solicitantes, a premissa de que esse é o recomeço para uma vida nova e segura. E ainda que, em alguns casos, sofram certo preconceito por serem considerados estrangeiros e haver uma visão equivocada quanto à sua condição de refugiados, essa ideia permanece. E ao chegarem à CARJ o que se ouve dessas pessoas é a certeza de que a instituição é que lhes dará a base necessária para que possam construir essa vida mais digna e com a garantia de segurança.

Notas

¹ Agente diplomático munido de plenos poderes, que possa representar sua nação e participar efetivamente do processo de decisão.

² É o conjunto de recomendações que contemplam o estabelecimento de normas internas de cada Estado no tratamento aos refugiados, a disseminação de conhecimento que possibilite a melhor acolhida, a ratificação ou adesão à Convenção de 1951 e Protocolo de 1967 pelos Estados.

Então, é recomeçar

APESAR DE o relógio apontar apenas nove e meia da manhã, o sol já está bem forte e o movimento na São Francisco Xavier é intenso em plena terça-feira. Na segunda visita que faço à sede da Cáritas percebo que já há funcionários circulando por todos os lados e solicitantes e refugiados aguardando pelo atendimento. Dirijo-me, diretamente, para a porta ao final da varanda e mais uma vez cumprimento o Paulo. É perceptível certa agitação e movimento de alguns dos funcionários. Logo Aline aparece e me leva pelos corredores e salas. Ela me apresenta aos funcionários de cada setor e explica um pouco sobre a dinâmica de trabalho de cada um no esquema de prestação de serviço: parte social; administrativa, cozinha e serviços gerais; jurídico e o financeiro.

O setor jurídico realiza entrevistas e cuida de todo o processo de elegibilidade, faz o parecer que será enviado ao CONARE, e, dentre outras questões ajuda com a regularização e obtenção da documentação garantida na lei nº 9.474/97. Também há orientação jurídica seletiva em alguns processos como o de pequenas causas e guarda de menores. Já a equipe de serviço social recebe, acolhe e realiza as entrevistas que ajudam a compreender melhor o perfil dos que recebem atendimento, além de acompanhar todo o processo de integração local como o encaminhamento para a profissionalização e

mercado de trabalho.

Agora tenho autorização para acompanhar as atividades e projetos desenvolvidos pela equipe. Por se tratar de uma terça-feira, fica combinado que acompanharei uma das aulas do Curso de Português. Dentre as pessoas a que acabo de ser apresentada, sigo a professora Mariana, que entra na primeira porta à direita. Lá dentro vejo um espaço amplo onde uma estante, cheia de trabalhos artesanais, e uma mesa, ocupam a maior extensão da sala. Junto à estante a professora separa rapidamente o material para a aula que começará em alguns minutos.

- Hoje as coisas estão meio corridas. Espero que goste do curso. É uma troca bem legal que acontece.- diz com algumas apostilas nas mãos ela sorri e se apressa para a porta.- Vamos? As aulas não são aqui na Cáritas, mas fica bem pertinho daqui o lugar, você vai ver.

No caminho, enquanto Mariana explica que a própria CARJ xeroca e fornece o material do curso, percebo que não somos as únicas que se deslocam da Cáritas até o local das aulas. Parte das pessoas que aguardava pelo atendimento também segue pelo mesmo caminho. Noto, então, que são alguns dos alunos do curso e alguns funcionários e voluntários.

Curso de Português

Toda terça e quinta-feira uma espécie de pequena procissão se desloca, por volta das dez da manhã, da sede da Cáritas até a Paróquia do Divino Espírito Santo e São João Batista. Também nos arredores do Maracanã, na Rua Felipe Camarão, número 12, acontece às aulas do Curso de Português.

A paróquia cedeu às salas onde, normalmente, há aulas de catequese, para que a CARJ pudesse ministrar o ensino de português aos refugiados e solicitantes de refúgio. O auditório *Maria, Mãe da igreja*

tem três salas de aula e ali as turmas são divididas de acordo com a sua língua de origem ou na qual melhor se comunicuem.

É preciso atravessar um estacionamento, ao lado da Paróquia, para chegar ao portão de acesso do auditório. Em grupos animados os alunos se reúnem debaixo de uma árvore, no primeiro andar, e conversam antes do curso. Os professores chegam, os cumprimentam ainda naquele espaço de convivência e sobem a escada de dois lances. Todas as salas ficam no segundo andar.

No segundo andar Mariana é recebida por sua turma que já a espera no alto da escada e pela colega de trabalho, e substituta, Maria Daniela. Os alunos têm como língua de origem o espanhol. A turma de espanhol é, hoje, a menor do curso, com apenas três alunos. Com a falta de espaço as aulas acabam acontecendo ali mesmo, num cantinho recuado do corredor.

Algumas crianças pequenas correm pelo corredor num entrar e sair das salas, enquanto as mães tentam se dividir entre permanecer o mais atentas no que é ensinado e nos filhos. Às vezes alguns funcionários, ou mesmo voluntários assistentes, ajudam com as crianças. Quando não está substituindo Mariana na turma, a voluntária Maria Daniela gosta de ficar de olho nas crianças que, sempre curiosas, correm pela escada e corredor de salas.

Durante as aulas a sonoridade é outra bem diferente daquela que se vê na espera de atendimento na sede da CARJ, ou mesmo no curso de artesanato para as mulheres. Ali o único som que se ouve é o da voz dos professores. Os alunos só quebram o silêncio para participar das atividades propostas: repetir a pronúncia de palavras ou responder a perguntas. Há claro, os momentos de descontração, quando palavras com sonoridades parecidas e significados tão diferentes são comparadas. Ou mesmo quando se percebem palavras tão parecidas no português e no Lingala, língua bantu africana falada nos dois

Congos e um dos principais idiomas falados pelos solicitantes e refugiados recebidos na CARJ. Como as palavras: mesa, sapato, bendele (bandeira) e kazaka (casaco). A maior parte de pessoas recebidas na Cáritas hoje, vêm da República Democrática do Congo.

A professora Mariana entrega as apostilas e antes de iniciar a leitura da próxima lição, já sentada com seus alunos, pergunta se ficou alguma dúvida da aula anterior. Diante de alguns pedidos ela esclarece a pronúncia de determinadas palavras e só então dá início a aula. Pede para que leiam um texto em silêncio para, em seguida, discutirem o que cada um conseguiu compreender. Aí, ela faz perguntas sobre o conteúdo do texto, para que elaborem com suas próprias palavras, as respostas. Em um clima descontraído, onde alunos e professora vencem os percalços da língua e corrigem uns aos outros, frase a frase ganham vida numa mistura de português e espanhol.

As aulas acontecem no horário de 10:30 à 11:30h. Ao final da aula passo pelo corredor para conferir as outras turmas, já liberadas, e o clima que antes era de silêncio quase que total passa a ser outro. Na turma de inglês, com maioria de alunos vindos da Nigéria e do Oriente Médio, alguns alunos compartilham histórias e casos que aconteceram por ainda não saberem falar bem o português. Também comentam com os dois professores algumas diferenças entre as culturas de seus países com o Brasil. Citam, principalmente, o que causou certo estranhamento, no início, como a própria maneira das mulheres se vestirem e comportarem.

Na saída do curso os grupos se dividem: alguns fazem a procissão de volta para a sede da Cáritas junto com funcionários e voluntários, outros seguem para as suas rotinas. No curto caminho de volta é possível ver como as pessoas na rua ainda olham surpresas e, por vezes, desconfiadas, o grande grupo que passa falando outros idiomas.

Quando o grupo chega à sede costuma se dividir: alunos se sen-

tam nos bancos e muretas da varanda e os professores e funcionários vão até a sala onde acontecem as aulas de artesanato para almoçar antes de voltarem para as atividades e reabrirem o atendimento.

Em um clima mais íntimo a equipe se reúne em torno da mesa, montada pelo funcionário de serviços gerais Cosme e a cozinheira, para o almoço. O silêncio inicial da refeição é quebrado quando aos poucos os assuntos começam a surgir como em uma roda de amigos. Conversam sobre vida pessoal, assuntos aleatórios de conversas normais e trabalho. Brincam uns com os outros e debatem alguns casos mais difíceis. A equipe funciona como um todo, onde cada setor opina e tenta ajudar a resolver da melhor maneira que pode.

Quando acabam de almoçar ainda ficam mais algum tempo ali, sentados e conversando até que dê o horário do início do atendimento. Aos poucos se levantam e levam os pratos até a cozinha, em uma porta à esquerda ao lado da estante. Outros esperam os banheiros vagarem para escovar os dentes e então retornarem às atividades.

Na varanda o fluxo de refugiados e solicitantes de refúgio se intensifica. Não é só um reflexo dos horários das atividades, ou mesmo do atendimento. O número de pessoas circulando pela instituição é quase como um lembrete constante do quanto têm se multiplicado as solicitações de refúgio no Brasil. Mais de oito mil só até outubro de 2014. O maior número de mulheres correndo atrás dos filhos pelos corredores da Cáritas e da paróquia também mostra como esse grupo cresceu entre os solicitantes de refúgio no Rio.

As pessoas vão chegando e se somando pelos bancos e muretas. A sonoridade do ambiente ganha vida e quem as vê enchendo a varanda à espera do atendimento, não imagina que a CARJ funcione com apenas oito funcionários e com trabalho voluntário. Um número pequeno quando comparado ao de pessoas atendidas e que chegam solicitando refúgio. A equipe é sempre bem recebida quando

circula de um setor para o outro. A troca de sorrisos entre funcionários e solicitantes mostra a confiança e essência do trabalho realizado ali. Uma premissa de que naquele ambiente, números nunca serão maiores do que as pessoas.

Na sala onde os funcionários há pouco almoçaram, Cosme volta da cozinha e começa a ajudar Márcia, a professora de artesanato, a arrumar a mesa. Está quase na hora da aula do Projeto refazer que acontecerá também naquele cômodo.

Projeto Refazer

A maior sala da sede da CARJ, a chamada sala de mulheres, agora está vazia, exceto pela artesã Márcia. Ela estende a toalha plástica sobre a mesa no centro do cômodo, a mesma usada pelos funcionários para almoçar, recorta sacos pretos grandes e os abre ali em cima. Cuidadosamente pega as folhas grossas de papel paraná na estante grande junto à parede, uma já recortada no formato do mapa do Brasil, e coloca sobre a mesa. Enquanto ajeita as letras já desenhadas e destacadas, explica que hoje trabalharão alguns conceitos com as refugiadas e solicitantes de refúgio na produção de um mosaico. A ideia é trabalhar a mensagem para que se sintam bem vindas.

Márcia explica que as aulas de artesanato fazem parte do Projeto Refazer, que começou desde 2005 com ela mesma como professora, quando a Cáritas ainda ficava no Palácio São Joaquim, na Glória. As turmas se renovam a cada seis meses. Atualmente é só para as mulheres que caso desejem continuar, além desse tempo, podem. O projeto é custeado pelo ministério da justiça. O curso acontece nas segundas e terças a partir das duas da tarde. Na oficina as mulheres aprendem, além do artesanato, a costurar e confeccionar joias, enquanto trabalham questões importantes como liberdade, diversidade e solidariedade. Alguns dos funcionários passaram a chamar as aulas

de arteterapia, porque é o efeito que veem no decorrer das conversas que acontecem naquela sala.

Com a tranquilidade tão característica dela, a senhora de cabelos loiros forma as palavras “Sejam bem vindos” acima do mapa. Aos poucos as alunas vão chegando e cumprimentam a artesã com sorrisos de quem já se conhece de longa data. A primeira coisa que fazem quando chegam é perguntar a Márcia se não vão costurar hoje, uma das atividades favoritas delas no curso. A psicóloga Lara atravessa a porta e se junta ao grupo. Assim como o mosaico, feito a muitas mãos femininas, a conversa vai ganhando vida.

Uma das refugiadas brinca que precisa ser a tradutora e intérprete entre as professoras e alunas porque algumas das outras só falam lingala e francês. Bem humorada ela pede a Márcia e Lara para que falem mais devagar, porque o português é muito difícil e os brasileiros falam muito rápido.

- Vocês falar muito rápido. Quando falam devagar, aí a gente entender.¹

- Mas vocês também falam muito rápido, o francês e o lingala, as vezes é complicado entender.- brinca Lara que ainda consegue entender quando falam em francês.

- Mas não o português.- a outra mulher responde descontraída e todas riem.

- Vamos todas falar em português!- Márcia ri para a refugiada.- Vamos lá, vamos treinar o português para vocês conseguirem aprender mais rápido.

A aula acontece em um ritmo leve. As mulheres a princípio mais caladas e desconfiadas começam a se soltar e relaxar. É como se estivessem deixando fora da sala tudo o que não envolva recortar e colar as pequenas tiras de papel que vão compor o mosaico.

Enquanto algumas delas se mantêm mais reservadas e concen-

tradas no mosaico, outras começam a falar sobre si. Surgem conversas sobre a família, quantos parentes deixaram em seus países, quantos irmãos e irmãs têm; a vontade de conseguir um emprego no Brasil, porque ainda há maior dificuldade para as mulheres do que para os homens, e aos poucos vão se abrindo.

A psicóloga diz, em um momento depois da aula, que essa é uma das principais reclamações das mulheres:

- Procuramos trabalhar com elas essas pequenas questões, esclarecer mesmo como tudo funciona por aqui e tirar todas as dúvidas delas sempre que perguntam. Teve uma conversa também que fizemos com elas, que ficaram resistentes no começo, mas depois foi tudo ótimo. E o que a gente tirou dali é que estão passando por situações e dificuldades que não imaginaram, porque são muito instruídas, a maioria é. Essas conversas que surgem naturalmente nos ajudam muito a compreender e saber mesmo as dificuldades delas aqui e acredito que ajude a elas também.

Algumas das alunas se arriscam mais a falar português, sempre perguntando como se diz ou o que significa determinada palavra aqui. E assim vão conseguindo se comunicar. Uma das coisas mais visíveis no decorrer da aula é como se transforma em uma conversa e espaço para que conversem mais.

São todas muito vaidosas, mas quando veem a câmera duas reações chamam a atenção: o temor de serem fotografadas e em como ao ganharem confiança brincam que precisam se arrumar e maquiar antes de tirar foto. Em alguns momentos pedem para ver se seus rostos não foram mesmo fotografados. Ao verem que seus limites estão sendo respeitados, elas parecem se sentir ainda mais à vontade e aos poucos se esquecem da câmera.

Uma delas, a autointitulada tradutora, começa a entoar uma música baixinho em francês. As mulheres em volta se sentem agradadas

com a voz da colega e algumas acompanham no mesmo tom baixo. A sala então vai ganhando sonoridade e a que entoou o início do coro, satisfeita, canta mais alto agora.

Márcia e Lara sorriem e se juntam ao trabalho de construção do mosaico com as alunas. E nesse ritmo as duas horas de aula vão se passando rapidamente. Não há pressa para sair ou ir embora da parte de nenhuma das mulheres: nem das alunas e tampouco das duas funcionárias que as acompanham.

Como não há atendimento nas quartas-feiras, o movimento é mais tranquilo e a equipe aproveita para discutir em unidade alguns casos mais complicados. Sempre que possível tentam organizar reuniões nas quartas. Os dias em que acontecem os cursos de português e o Projeto Refazer são sempre mais agitados e com maior número de pessoas procurando o atendimento, é quando geralmente são feitos alguns dos pagamentos de auxílios também.

Auxílios e parcerias

Além dos cursos de português e artesanato, Projeto Refazer, a Cáritas também oferece alguns auxílios aos refugiados e solicitantes de refúgio como:

- Auxílio subsistência do ACNUR, que pode durar de três a seis meses, e é só para alguns casos. Tem preferência homens ou mulheres que tenham filhos, pessoas que por alguma razão não possam trabalhar e pessoas mais velhas;
- Auxílio medicamento;
- Auxílio cursos;
- Fundo social com verba do ACNUR para alguns casos de abertura de pequenos negócios

A CARJ também investe em parcerias que possam ajudar a ca-

pacitar profissionalmente os solicitantes e refugiados que em muitos casos não conseguem comprovar o grau de escolaridade, seja pela burocracia ou pela dificuldade física mesmo. Em algumas situações é simplesmente impossível o retorno para o país de origem para que se consiga, por exemplo, a documentação e diploma que comprovem esse nível de escolaridade por questões financeiras, de segurança ou mesmo porque há casos como o de refugiados da Síria que simplesmente deixaram para trás um monte de escombros onde nenhuma documentação poderia ser encontrada, como exemplifica a própria coordenadora da Cáritas.

Algumas dessas parcerias são com sindicatos, com o SENAI, SENAC, SECONCI para cursos de capacitação profissional. Além de cuidarem, na sede da CARJ mesmo, de todo o processo legal e de integração dessas pessoas que procuram abrigo no Brasil.

Notas

¹ O diálogo reflete a maneira como a refugiada fala.

Dia de Criança

AO CRUZAR o portão azul, novamente, percebo que os preparativos começam cedo na quinta-feira. Desde as nove e meia da manhã o pessoal da Cáritas circula de um lado para o outro e a varanda vai ganhando um diferente tipo de movimento. Alguns móveis, como a habitual estante, em pátina branca e marfim, feita por uma das antigas turmas de Márcia, e uma das mesas da sala de artesanato, estão agora realocados em um cantinho da varanda, próximos à porta da recepção. A porta da sala das mulheres está aberta e ouve-se as vozes da equipe discutindo a arrumação do cômodo.

Lá dentro Lara, então sem a presença de Márcia, divide o espaço com os donos daquelas vozes que ainda tentam pensar em como preparar o lugar para uma atividade que será realizada ali, mais tarde, com as refugiadas e solicitantes de refúgio. A psicóloga anda de um lado para o outro procurando caixinhas com miçangas, fechos e barbantes para a confecção das peças que estão produzindo no projeto extra-aula. Serão todas expostas e vendidas no estande da Cáritas na feira da Providência no mês de dezembro.

A sala está diferente: apenas a mesa grande onde as mulheres costumam trabalhar, o sofá e os armários permanecem no mesmo lugar. De um lado para o outro voluntários se desdobram em levar móveis porta a fora. Daniela, numa saleta ao lado, onde costuma

trabalhar o assessor de imprensa da CARJ, Diogo, divide os brinquedos conseguidos na campanha de doações realizada para o mês das crianças entre os que serão distribuídos na festa de hoje e os que ficarão para o natal.

Aos poucos, o grupo de mulheres chega e a sala ganha à sonoridade da miscelânea da língua bantu africana, o Lingala; do francês e do espanhol somados ao português. Parecem ainda mais animadas com a nova atividade que lhes renderá uma espécie de salário para que estejam presentes confeccionando as peças.

Duas jovens atravessam o limiar com passos lentos e receosos de quem não quer invadir ou atrapalhar o que acontece. Perguntam onde podem trabalhar, atravessam a porta e voltam com pacotes de balões de festa. As duas sentam e se ajeitam no sofá no canto da sala. Então, se juntam aos preparativos e, com presteza, se revezam para encher e amarrar, um a um, os balões e com eles montar arcos. Daniela se junta a elas e começam a planejar o intercalar das cores para que fiquem o mais colorido possível. As três conversam descontraídas sobre o que fazem e compartilham experiências do trabalho voluntário. As recém-chegadas contam que são voluntárias da *IKMR - Eu conheço meus direitos*, ONG que trabalha com a proteção dos direitos das crianças refugiadas.

Mais um rapaz da equipe da IKMR se junta à tarefa. Aos poucos, entre um susto e outro com balões que estouram, os arcos ganham forma e logo são levados e pendurados nas colunas da varanda. As cores branca e azul, tão habituais da CARJ, ganham um colorido a mais de roxo, amarelo e rosa. Enquanto isso, as mulheres seguem calmamente na confecção das peças.

Na Rua Felipe Camarão, nas salas do auditório da paróquia do Divino Espírito Santo e São João Batista, o curso de português acontece normalmente. As turmas que têm início às dez horas são libe-

radas em torno de onze e meia, meio dia. A maior parte dos alunos segue, animada, para a sede da CARJ, esperando pela festa que começará em algumas poucas horas.

A festa comemora o mês de outubro e o Marco do Dia Universal da Criança¹, celebrado no dia 20 de Novembro. Com a ajuda da IKMR, a sede se transforma em um parque de diversão para os pequenos. Mais e mais crianças chegam acompanhadas de seus pais e percebem que além da decoração feita com os arcos de balões, o espaço do pátio ganha dois pula-pulas; um cantinho de animação onde dois voluntários da IKMR se revezam entre tocar violão, cantar e fazer coreografias com as crianças e a varanda com uma mesa de pintura artística e uma disputada mesa de esculturas de bexigas. Uma terceira mesa divide o espaço com as outras, esta recheada de guloseimas que logo chamam a atenção das crianças.

As poucas horas passam enquanto as mulheres encerram as peças para a feira da Providência e os funcionários aproveitam para retirar a mesa e terminar o preparo da sala para a atividade que será realizada ali mais tarde. A mesa então é retirada do cômodo e um cartaz pregado na porta. Ao som de música congoleza a festa que até então começara mais timidamente agora enfim tem início.

Enquanto os pequenos correm de um pula-pula para o outro e pedem mais balões em formatos de chapéus e bichos aos voluntários, as mulheres se reúnem na sala de artesanato. Dessa vez sem a artesã Márcia, são aguardadas por algumas funcionárias e voluntárias da Cáritas junto com a equipe do Teatro do Oprimido. A sala está diferente: sem a mesa, a escrivaninha e a estante de sempre, arrumada exclusivamente para dar mais espaço a atividade preparada.

De portas fechadas a equipe do teatro começa a trabalhar com as refugiadas e solicitantes de refúgio. Para discutir e lidar com as opressões que as mulheres ainda sofrem em seus países de origem,

usam o método do Laboratório Madalena. Algumas pessoas da equipe habitual, apenas mulheres, se revezam pela sala entre vigiar a porta, para preservar a privacidade das que participam da oficina, e ajudar com os bebês de colo.

Há um cuidado unânime da parte das funcionárias da Cáritas em preservar aquele momento apenas para as mulheres. Por isso mesmo só havia funcionárias e voluntárias mulheres na sala, para que se sentissem mais à vontade como costumam se sentir nas aulas do Projeto Refazer com Márcia e Lara. A sensibilidade de quem já reconhece os traços de opressão sofridos por aquelas a quem se dedicam nos atendimentos todos os dias. Algo adquirido com a convivência com cada uma daquelas que buscam por refúgio.

A atividade acontece, portanto, de portas fechadas; ainda que algumas crianças batam na porta chamando pelas mães, logo são distraídas pela equipe. São tratadas, através de discussões e do desenho, questões como o sentimento de cada uma delas quanto ao próprio corpo. Quando se encerra a oficina com o Teatro do Oprimido elas voltam logo para a varanda e procuram saber o que os filhos estão fazendo. As crianças recebem as mães mostrando as pinturas nos braços e rosto e as esculturas feitas de bexigas.

Aos poucos algumas mulheres começam a sair da varanda e a se reunir perto das caixas de som que tocam música congoleza. Puxando uma a outra, com sorrisos tímidos a princípio, transformam o pequeno grupo em uma roda. Os funcionários começam a ser tomados pelas mãos para se unirem a dança. Aline e Cosme ficam lado a lado com as refugiadas e solicitantes e arriscam os passos tão atenciosamente ensinados a eles.

Os sorrisos ganham os rostos femininos e o grupo cresce agora atraindo a atenção de todos na festa. Em volta da roda de dança, observadores empolgados se reúnem e não conseguem conter o pró-

prio riso e movimentos. As crianças se tramam entre as pernas das mulheres. Correndo e dançando, imitando os passos e se pondo no centro da festa os pequenos se juntam a coreografia.

As mãos se erguem e batem palmas em um compasso ritmado com a música alegre e contagiante. Começam a surgir gritos de incentivo para que os voluntários e funcionários, que ainda se arriscam tímidos, dançam também. As mulheres pulam, gritam e se abraçam assim que reconhecem as músicas que iniciam nos alto falantes.

Os homens naturalmente mais falantes pelos corredores da sede da CARJ agora seguem agrupados quase que silenciosamente na varanda, sentados observando toda a dança ao longe. Alguns tomam conta dos filhos e crianças que ainda permanecem brincando nos pula-pulas.

A roda de dança segue como uma espécie de ímã e cada olhar trocado entre a equipe o que fica marcado é a felicidade de ver aquela alegria dividida na dança. Por um momento, é como se o local de trabalho fosse apenas o palco para um encontro entre amigos de diferentes culturas que ensinam um ao outro os passos daquela coreografia. Ao mesmo tempo é como ver a concretização do trabalho de integração realizado dia após dia ao levar um pedaço do Congo para a sede naquele momento. Não há mais funcionários, solicitantes, voluntários ou refugiados são todos apenas amigos que se reúnem para comemorar em uma roda de dança.

Mães orgulhosas veem seus filhos e filhas tomarem, voluntariamente, o centro da roda e trazerem e apresentarem o seu país e raízes em passos de dança congoleza. As crianças maiores tomam as menores pela mão e as incentivam a entrar no ritmo. É quando ouço um menino com cerca de 9 anos gritar, em um perfeito português, do pula-pula, à direita do grupo: “Tia, dança! Dança também, tia!”, incentivando algumas voluntárias e a mim.

Mais voluntárias se animam e entram na dança. Ali do lado um

menino com cerca de 3 anos de idade brinca sozinho com uma bola e quando ela cai no meio do grupo que dança o mesmo menino que gritou a resgata e a entrega para o menor que a segura com o riso satisfeito. O garotinho tem a mão tomada pelo maior e ambos entram no centro da roda e começam a dançar sob o bater de palmas, gritos de incentivo e risadas surpresas com a desenvoltura dos dois.

Acho que em nenhum outro momento ficou mais claro, do que nesse, o espírito com que a Cáritas trabalha. A forma como toda a equipe e o pessoal da IKMR se olhava naquela troca sincera de sentimentos explicitava que a alegria dos solicitantes e refugiados era mais do que contagiante, era importante para cada um deles. A maneira como todas as pessoas presentes, e que acompanham cada uma daquelas histórias, se toca pela alegria deles, é tão contagiante quanto, o próprio espírito animado de cada um daqueles rostos. O olhar é da mais pura cumplicidade. Afinal, é por isso que realizam tal trabalho e há uma troca entre os que atendem e os atendidos.

A festa segue e aos poucos o grupo de dança diminui. Algumas pessoas da equipe e mães entram no pula-pula com as crianças. Outros funcionários se revezam em fazer esculturas de bexiga cada vez mais criativas enquanto são entregues as doações. Uma fila se forma na porta ao final da varanda e as famílias recebem um kit com leite em pó, talco e sabão líquido enquanto as crianças recebem os brinquedos.

Logo, cada canto já está tomado por crianças aproveitando e exibindo, para os pais, os novos brinquedos. O talco e o sabão foram doados pela Cruz Vermelha e os brinquedos arrecadados pela própria Cáritas na campanha do mês da criança.

Um grupo de mulheres agora está sentado nos bancos postos junto às muretas da varanda. Elas olham os filhos que ainda estão lanchando e se divertindo com os brinquedos enquanto esperam as amigas que ainda aguardam por sua vez na fila.

Em meio a esse clima conheço mais de perto algumas das histórias daquelas pessoas. A maioria dos refugiados e solicitantes chega até mim, voluntariamente, perguntando por meu nome e se sou voluntária nova. Ao saber do que se trata, dizem que gostariam de me contar a história de como chegaram até o Brasil e como descobriram a CARJ.

Notas

¹ Comemoração da aprovação da Declaração Universal dos Direitos das Crianças, documento que garante os direitos e cuidados mínimos necessários para as crianças, pelos países membros da ONU.

Histórias de uma varanda

DESDE O primeiro instante em que coloquei os pés na sede da Cáritas, o que saltou aos meus olhos foi o número de pessoas aguardando atendimento. E observar o modo como cada um espera para ser atendido é quase como um gatilho para a imaginação. É se flagrar, automaticamente, imaginando quais seriam as razões, e histórias, que levaram cada uma daquelas pessoas a escolher o Brasil.

Com o passar dos dias ali, convivendo com essas pessoas, pude ganhar a confiança de algumas delas. E como resultado, a maioria veio até mim voluntariamente. Da mesma maneira que a sua espera me chamou a atenção, a minha presença ali aguçou a curiosidade de alguns dos solicitantes e refugiados. Nesse clima, de curiosidade mútua, conheci histórias tocantes e que me fizeram compreender o que a CARJ significa e como ela transforma a vida de cada um deles.

É aqui que começa a se desdobrar o além-número que cada um deles, solicitantes e refugiados, representa no que já conhecemos do noticiário e das várias matérias sobre a temática do refúgio.

Família Apátrida

Os alunos parecem mais agitados e inquietos naquela manhã, afinal, aguardam a festa que mais tarde acontecerá na própria sede da Cáritas. Acompanho o assessor Diogo até a paróquia onde estão acontecendo normalmente as aulas do Curso de Português. Chega-

mos ao final do horário e os corredores estão cheios e vibrantes como costumam ficar no término das aulas. Durante o caminho, ele me diz que conhece uma família que, provavelmente, gostaria de me contar a própria história de chegada ao Brasil.

Pouco tempo depois, sou apresentada ao solicitante de refúgio, dono de olhos marcantes e expressivos que, sorrindo, me cumprimenta, e diz já ter me visto circulando pelos corredores do curso. Descontraído, pergunta se me lembro de quando, brincando, me parou e perguntou se poderia fotografá-lo, porque estava fotografando a turma de espanhol naquele dia. Diogo se despede e entramos numa das salas, agora vazia. Ali, nos sentamos à mesa do professor e começamos a conversar com a ajuda da voluntária Jamille, que dá aulas no curso, porque apesar de falar mais de 10 idiomas, ele ainda está aprendendo o português.

Com as mãos entrelaçadas sobre a mesa, ele conta que chegou ao Brasil com a esposa e dois filhos há quase dois meses, e que todos são apátridas¹. Como tal, não têm alguns direitos básicos como o de votar, circular livremente e há ainda dificuldade em obter licença para trabalhar. Há hoje cerca de 12 milhões de apátridas no mundo. E assim como tantos outros em tal condição, a história dessa família em busca do direito a uma nacionalidade não é simples.

O homem está na casa dos quarenta anos e conta que sua vinda para o Brasil não foi assim tão simples e este não foi o primeiro país onde tentou recomeçar. Tomando fôlego diz que a trajetória dele até o novo país envolveu quatro viagens anteriores e toda a sua vida. Nascido no Burundi, um pequeno país africano, com apenas quatro anos de idade precisou fugir com a mãe, sem documentos, para sobreviver ao genocídio praticado pela minoria tutsi contra a maioria hutu, em 1972. A alternativa foi o antigo Zaire, atual República Democrática do Congo, onde cresceu e se educou em um campo de refugiados.

Ele conta que tinha o sonho de ser professor primário e por isso, em 1986, foi para Ruanda. No entanto, já casado e com uma filha, percebeu que não conseguiria realizar seu sonho ali e, novamente, 22 anos depois, ele presenciou outro genocídio: dessa vez dos hutus contra os tutsis. Em apenas 100 dias morreram cerca de 800 mil pessoas no genocídio em 1994. Relembrando isso, o refugiado afirma que não via alternativa a não ser voltar ao Zaire.

- Eu não poderia esperar mais! Tinha uma mulher e uma filha para proteger. Foi preciso me esquecer do sonho, naquele momento, e dar segurança para a minha família.- conta, esfregando as mãos mais ansiosamente.

O que o refugiado não sabia era que voltar ao país, então renomeado República Democrática do Congo, seria uma forma de ver a história se repetir mais uma vez e apenas quatro anos depois. Agora com mais um filho, ele presenciou o início da guerra civil no Congo. Determinado a manter a família em segurança, conta que precisaram cruzar a fronteira de Zâmbia para chegar à Namíbia e viver novamente em um campo de refugiados.

Com o cansaço refletido nos olhos me diz que, após 16 anos de grandes dificuldades, não conseguia mais permanecer ali.

- Percebi que não poderia dar a meus filhos a segurança e oportunidade de crescer ali em Namíbia. Eles não oferecem documentos para nós, refugiados, e assim meus filhos não poderiam nem trabalhar. Que vida seria essa?

O homem que sempre está com um sorriso no rosto andando pelos corredores do curso e da Cáritas, agora muda de feição. Ao falar da família e do futuro dos filhos me olha angustiada e cansada enquanto bebe um pouco de água.

- Depois do que passei a única coisa que gostaria é que meus filhos pudessem não viver como vivi, no meio da guerra e da difi-

culdade de não ter nem mesmo o direito de trabalhar por falta de documento. E foi assim que soube que no Brasil poderia recomeçar. Quero dar um futuro para os meus filhos, você sabe.

Foi assim que recomeçou a corrida para viajar. Era preciso providenciar toda a documentação de viagem junto às Nações Unidas para poder vir ao território brasileiro solicitar o refúgio. Ele e a família também conseguiram vistos de turista na embaixada brasileira na Namíbia. Ao falar do Brasil, o homem de olhos tão marcantes, reflete a esperança que ainda possui. O rosto angustiado e cansado volta a sorrir e me diz:

- Sabe, se o Brasil reconhecer a mim e à minha família como nacionais, sei que seremos os melhores brasileiros que pudermos. E seremos felizes porque passaremos a existir. Ser um apátrida é horrível, é como se simplesmente não existíssemos, ou mesmo fôssemos gente. Mas aqui seremos felizes, tenho certeza, e voltaremos a fazer nossa música. Temos um grupo, você sabe?

Satisfeito, ele tira o celular do bolso da bermuda e nos explica que ele, a mulher e os filhos montaram uma banda de reggae gospel, na África, e chegaram a gravar cinco álbuns.

- Este é meu filho cantando. Prestem atenção na letra, porque é muito bonita.- nos pede, enquanto balança a cabeça suavemente, no ritmo da música.

A professora Jamille se mostra claramente emocionada ouvindo a música que fala de pertencimento, fé e nunca desanimar. Ela vê refletida, ali, toda a história contada pelo solicitante de refúgio sobre a própria trajetória e de sua família. Vendo o efeito causado pela música do filho, ele abre ainda mais o sorriso e repete:

- Este é meu filho cantando.- e acrescenta um orgulhoso:- Bonito, não é? Queria que conhecessem minha família, mas hoje eles não vieram ao curso.

Dia a dia



Local onde refugiados e solicitantes aguardam pelo atendimento



Diogo com as crianças durante a Avaliação Diagnóstica do ACNUR





Olhares



Uma das crianças no corredor do andar onde acontecem as aulas do Curso de Português



Solicitantes e refugiadas trabalhando na confecção das joias para a Feira da Providência



Refugiadas trabalhando no mosaico na aula de arteterapia



Maria Daniela dando aula na Paróquia do Divino Espírito Santo

Dia de criança



Aline com uma das crianças durante a festa



Garoto brinca com presentes recebidos da campanha de doação



Diogo com uma das crianças na comemoração do Dia Mundial da Criança



Voluntário da IKMR com as crianças durante a festa



Merlyn na cama elástica com uma das crianças



Crianças na cama elástica



Refugiadas e solicitantes dançam com a equipe da CARJ



Família da matriarca colombiana



Crianças dançando



Dia de criança

Equipe Carj



A coordenadora Aline



A professora voluntária
Maria Daniela



Márcia a artesã do
Projeto Refazer



A Professora voluntária Jamille
em seu primeiro dia de aula



O assessor da Cáritas



O advogado e professor voluntário Matteo



A psicóloga Lara ajuda as solicitantes e refugiadas na confecção de jóias para a Feira da Providência



Paulo trabalhando na recepção da Cáritas

Refugiados e solicitantes





Animado, diz que tem vontade de voltar a viver sua música, mas os instrumentos foram deixados para trás e agora não tem condições de comprar novos. Outro de seus sonhos é dar aulas. Com três formações e a dificuldade do idioma, ele desabafa:

- Eu sou um cara criativo, sei que posso ensinar. Mas a minha língua me impede, porque não falo português. Me ajude a ajudar a minha família. Quero tranquilidade para meus filhos.

No entanto, agora a maior vontade dele é a de que todos de sua família consigam um emprego e possam se sustentar já que, por enquanto, contam com a ajuda financeira da Cáritas. O primeiro passo já foi dado. Ao entrar com o pedido de refúgio, ele e toda a família já conseguiram o protocolo de solicitante de refúgio fornecido pela Polícia Federal. E foi assim que veio a primeira vitória particular: conseguir, aos 46 anos, a primeira carteira de trabalho.

Desligamos as luzes e ventiladores da sala e caminhamos lado a lado, conversando. Enquanto fala de forma franca e olhando diretamente para nós duas, ele nota um pequeno sinal vermelho em um dos olhos da professora e, preocupado, pergunta o que aconteceu e se ela está bem. Diante da resposta de Jamille, o solicitante insiste para que ela cuide disso e não deixe de ir ao médico.

Ao chegarmos ao portão o simpático homem diz que vai almoçar e nos despedimos. Antes de ir ele nos agradece pela conversa e nos incentiva de forma simples a não desistirmos do caminho que escolhemos. Enquanto o vemos se distanciar, a professora, emocionada, vira para mim e diz:

- Você viu a preocupação dele comigo? É isso o que torna essas pessoas maravilhosas. Passando por tudo o que ele passou, ainda consegue enxergar e se preocupar com o outro enquanto que a gente, às vezes, deixa de olhar para o lado por coisas tão pequenas que nos chateiam no dia a dia.

Matriarca colombiana

Sentada em uma cadeira junto à parede a senhora de cabelos curtos e loiros observa o rapaz que leva três crianças de uma atividade para a outra. Do pula-pula para o grupo reunido em volta de dois voluntários da IKMR, que se revezam entre tocar violão e dançar, e então correr para os balões que ganham forma nas mãos dedicadas dos funcionários e de lá para pintura artística feita em uma mesinha ao lado.

Com olhos atentos para alguns funcionários e voluntários que passam e faz a todos a mesma pergunta: o que acham de comemorar uma data que é como o natal dos brasileiros, mas que para os colombianos acontece no início do mês de dezembro. Insistente, indaga com quem deveria falar sobre isso, porque acha realmente importante que a data seja comemorada aqui também.

Em uma de suas paradas sou chamada e perguntada sobre as fotos que estou tirando e se também trabalho na CARJ e o que acho da ideia de comemorar tal data. Com uma exclamação alegre, quando esclarecida do que se tratam as fotos e o trabalho que faço ali, diz que gostaria de me contar sua história. Encorajada por um sorriso se aproxima da cadeira do outro lado da varanda onde estou sentada na mureta e pergunta:

- Você fala espanhol? Porque só falo portunhol.- diz, rindo, e começa:- Morava com meu marido, mas precisei deixar meu país porque os rebeldes estavam invadindo as propriedades dizendo que nos protegeriam, dos guerrilheiros, você sabe. Mas eles tomavam nossa liberdade e moradia. Achei que seria melhor vir para cá depois de ter uma arma apontada para minha cabeça e viver como prisioneira em minha casa, mas tive que fugir sozinha.

E foi sem companhia que chegou para ficar com uma de suas filhas já estabelecida no Brasil, no Rio de Janeiro. Entre um levantar

de sobrancelhas, uma troca de olhares e risos causados pelas brincadeiras das netas, ela conta como deu início ao sonho de trazer a família para junto de si. Vendo que três meninas se aproximam para observar a pintura artística ela interrompe a própria fala:

- Olha, é minha netinha. Essas três.- aponta, chamando as três meninas de 3, 5 e 8 anos, que observam a voluntária da IKMR pintando o braço de uma das crianças. - Venham cá, digam olá!

As três menininhas dizem “Olá” e a pedido da avó falam seus nomes antes de se dividirem para voltar correndo ao que estavam fazendo. A menor delas anda na direção oposta das outras duas enquanto chama pelo “Papá”.

Enquanto volta para a conversa observa atentamente a menor das netas descer os dois degraus ao final da varanda, junto ao portão. Ela continua a narrar sua história sempre se desdobrando em observar as travessuras das crianças ao redor, das próprias netas e em me olhar.

- Você sabe, eu tenho cinco filhos! As duas menores ali são desse meu filho e a maior de minha outra filha.- aponta para as netas e o filho.- Estou aqui há mais de dois anos e já fui reconhecida como refugiada. Trabalhei para ajudar cada um deles e meu marido a vir para cá. Cheguei a trabalhar no aeroporto como recepcionista bilíngue. Hoje somos nove pessoas sob o mesmo teto e em breve seremos 10, imagina! Minha mãe, que não vejo há sete anos também está vindo para cá. Chega na quarta-feira que vem. Aí só faltará minha filha! Acredito que virá logo. Ela tem muitas saudades!

Orgulhosa, ela junta os brinquedos que as netas acabaram de ganhar. A menina menor retorna com um embrulho de brinquedos em uma das mãos e uma maçã, envolta por chocolate, na outra. Atendendo a neta que chama por ela, conta como se sente no novo lar:

- Nunca pensei que seria uma estrangeira, mas, honestamente, não me sinto assim! Me sinto brasileira, menos quando eu falo. - ela

ri, ajeitando o vestidinho de bolinhas brancas da menina, e a incentivando a pedir ajuda ao pai para pegar um copo de água no bebedouro.- Porque eu falo portunhol! Mas as pessoas não sabem que não sou daqui, até eu falar!

Atenta aos passos da neta, que recebe o copo de água das mãos do pai, ela não disfarça a satisfação de ter cada um deles por perto. E, com tranquilidade e tom leve, conta como é conviver com uma família grande em uma mesma casa.

- Somos muito unidos, sempre estamos juntos e damos força um para o outro. Mas imagine para achar uma casa, preciso de uma com pelo menos cinco quartos....três banheiros...Mas estamos juntos e isso é o importante para mim.

Sem se acanhar, abre as próprias opiniões sobre o que já viveu de positivo e negativo desde que chegou no Brasil.

- Às vezes o problema aqui é que, se deixar, abusam de nós nos empregos, sabe? Querem dar muito trabalho duro e pagar pouco, porque somos estrangeiros. Então acham que é assim. Mas, aos poucos, meus filhos têm crescido aqui. Alguns já se formaram em turismo e trabalham na área deles, aqui mesmo, sabia?! Eu também trabalhava, mas têm uns vinte e cinco dias que estou desempregada. Mas a Márcia me ensinou artesanato aqui na Cáritas! Agora sei fazer artesanato e não sabia nada disso! A Cáritas me ajudou muito e ainda ajuda a toda a minha família. Meu filho, ali, está no curso de português e eu no de artesanato.

Como quem se lembra de um tempo mais distante, conta como a Cáritas foi importante quando chegou ao país. Cita algumas das situações em que a assistência da Instituição foi imprescindível para que se estabelecesse aqui. Lembra-se de como recebeu ajuda psicológica ao ter o diagnóstico de síndrome do pânico assim que chegou ao Brasil. Olha para a família e pensa nos últimos dias de terror vividos

antes de conseguir fugir da Colômbia.

- Agora meus filhos estudam, trabalham e estão seguros longe da Colômbia, sabe?!- conta com orgulho.

Levantando, me olha para que a acompanhe e caminha descendo os dois degraus e contornando a varanda até o pula-pula onde as netas e o filho estão agora. Chama pelo rapaz de cabelos pretos e longos e o apresenta. Em seguida pede para que a fotografe com a família. Aproxima-se do pula-pula e posa com eles. Distraída com os pedidos das três meninas, sorri e anuncia que vai entrar no brinquedo também. E, então, troca de lugar com o filho.

As mãos que, mais cedo, tão habilidosamente trançavam e combinavam miçangas na produção de colares, agora servem como suporte. As estende e segura nas laterais da tela do brinquedo para firmar os pés que começam a subir a pequena escada de acesso. Logo está rindo com as netas que a cercam e tomam suas mãos para que pulem juntas.

As três meninas e a avó ganham companhia: mais duas crianças se juntam a elas e agora as cinco dão as mãos e pulam girando e correndo. Um pouco depois, já cansada, ganha um chapéu feito de balões de uma das netas e se senta ali mesmo no pula-pula. A menor de suas netas deita em seu colo e a abraça apertado enquanto as outras continuam a pular. Permanecem assim até que a avó decide descer.

Com o auxílio do funcionário que vigia o pula-pula, vence a pequena escada e vai até a mureta da varanda onde deixou os novos presentes e a mochila do filho. Com os olhos na família diz:

- A Cáritas é assim... Boa, sabe?! Por isso quero logo que minha mãe chegue.

Aos poucos o movimento ao redor diminui, as meninas correm até a avó. Uma última vez ajeita os vestidos das meninas menores e reúne os brinquedos e os donativos que ganharam. Chama pelo filho

e pergunta se já conseguiu achar uma sacola, pois não faz ideia de como vão levar tudo aquilo na volta para casa. Sorrindo satisfeita, olhando para as pequeninas que conversam sobre os brinquedos novos, pede para que me cuide na volta para casa e mantenha contato.

A mulher que trabalhou para tornar possível a vinda da família ao novo lar, agora só quer aproveitar a contagem regressiva dos seis dias que a separam do reencontro com a mãe e de se tornarem dez sob o mesmo teto.

A mãe congoleza

Cabelos curtos, olhos observadores que acompanham cada movimento dos que passam como quem estuda algo novo com curiosidade. Feições por vezes rígidas que se confundem com os traços fortes e bem marcados na pele negra e reluzente do calor provocado pela dança de minutos atrás. As pernas longas de mulher a levam pelos dois degraus da varanda, ainda cheia de pessoas e crianças circulando, para junto do portão azul. No trajeto ela maneja o celular de uma mão para a outra e, por fim, passa os fones de ouvido por um dos ombros.

De forma distraída conta como chegou ao país. Os olhos observadores procuram pelos filhos que correm e brincam com os rostos pintados e balões nas cabeças transformados em chapéus. O olhar agora parece receoso em manter contato enquanto as palavras, firmes e sem vacilar, narram de forma direta como perdeu o pai e o marido durante a guerra em seu país. Como eram os ataques rebeldes que aconteciam por tantas vezes de madrugada, queimando casas, violando e sequestrando mulheres e crianças, prendendo e tirando a vida de tantas pessoas. E como, por fim, decidiu segurar os filhos gêmeos pelas mãos e pular a janela com uma barriga que despontava já os seis meses de gravidez, sem levar absolutamente nenhum pertence.

Abandonar a República Democrática do Congo com a ajuda de um pastor, que durante um mês a acolheu na igreja, parece agora algo distante para ela. Trocando o apoio dos pés, e de olhos ainda perdidos na festa e correria das crianças, fala com a mistura do português e do sotaque acentuado francês, como foi chegar diretamente no aeroporto do Rio sem compreender uma só palavra do idioma brasileiro e sem conhecer ninguém.

Passando as mãos pela calça jeans ela sorri e volta à atenção para a conversa. Ao fundo, a música congoleza volta a tocar nos alto falantes. Mulheres se organizam em círculo com funcionários e voluntários para dançar enquanto os homens permanecem sentados na mureta e bancos da varanda.

- Eu chegar² sem conhecer ninguém ninguém. Um moço africano estava lá na aeroporto e ver que eu falava só francês e dialeto de meu país. Ele ajudou e me trouxe para a Cáritas. E Cáritas me ajudar muito até hoje. Já tem um ano e oito meses que estou aqui, em seu país. E Aline é minha filha! Aline é minha filha.- em tom animado e sorriso nos lábios aponta para a assistente social, que dança com o grupo de mulheres, cujo nome deu à filha.- Minha filha também é Aline!

Mais à vontade e com um sorriso fácil no rosto conta como a CARJ a ajudou nesses quase dois anos de permanência no país, e como, por isso, resolveu dar o nome da coordenadora do projeto para a filha. Aproximando-se, toca meu ombro várias vezes, como que procurando por cumplicidade e compreensão quando fala das dificuldades de arrumar um emprego e lugar onde morar quando se é estrangeiro.

Logo o sorriso se alarga no rosto firme e ela conta, feliz, que acaba de ter concedido o seu pedido de refúgio pelo CONARE e logo estará com seu RNE, registro nacional de estrangeiros, em mãos.

- Só mais 40 dias, já estou bem, estou muito bem. O Brasil está bom, o Brasil está muito bom. Só é muito chato procurar casa e emprego, emprego é difícil. Mas recebi ajuda de Debora, assistente social, ela me ajudou e agora estou trabalhando. Está bom, o Brasil está muito bom, é seguro para as crianças. VEM CÁ, FULANO E FULANA! ANDE, VEM!- os gêmeos, na faixa dos 9, 10 anos, aparecem e, com um sorriso de mãe orgulhosa que aponta para cada um deles, a observam atentos: - Estes são meus filhos! Pronto, já podem ir!- com um gesto breve de mão dispensa as crianças que voltam para o pula-pula sob o sorriso e um aceno breve de cabeça da mãe.

Tomada pela visão dos filhos no pula-pula, mais uma vez repete:

- O Brasil está bom, o Brasil está muito bom. Já ouvi coisas ruins na rua, “macaco”, mas acredito que as pessoas são boas para os refugiados. Poucos falam essas coisas, o Brasil está bom.

A conversa é interrompida quando ela tem o nome anunciado e algumas das mulheres correm e gritam para avisá-la para ir até a porta onde, durante quatro dias da semana, há os atendimentos. Sem hesitar, passa o braço em torno dos meus ombros e agora me guia até o local onde seu nome é novamente chamado. Com uma fala mansa, descontraída e direta, explica como aprendeu o idioma com facilidade através da convivência e pouco pelo curso, pois se sentia inquieta demais em sala de aula.

- É muito fácil, são línguas parecidas. Irmãs! Você me diz Bom dia, eu te digo Bonjour, vê? Somos irmãs!- o sorriso agora vem fácil e convidativo, cruzando a varanda, como quem observa um velho amigo. Enquanto desvia brevemente o olhar porta adentro, checando se já é mesmo sua vez no atendimento, ela repete: - Quer me perguntar algo mais, irmã? Pode perguntar!

Com os olhos atentos para não me perder de vista, por vezes estende o braço e toca o meu, com um pedido silencioso de espera. As-

sim que é atendida volta inteiramente para a conversa, como se nunca a tivessem interrompido, e observa a câmera em minhas mãos.

- Quer tirar foto minha? Mas sou feia, não estou arrumada. Só tiro foto porque gostei de você.

Novamente passa o braço em meus ombros e me faz cruzar a varanda até retornarmos ao portão azul onde séria e mais tensa ela posa para as fotos. Os olhos percorrem rapidamente as pessoas que já começam a sair portão a fora com a festa e os ruídos diminuindo ao redor. Ao final, sorri, mexendo em meus cabelos, e agradece com um abraço antes de ir procurar pelos filhos.

Então se afasta e ri gritando pelas crianças. Pelo caminho conversa com algumas das outras mulheres que já reúnem os filhos, os brinquedos novos e as doações recebidas durante a festa para ir embora.

A mulher alta, de traços firmes e braços fortes - que tomaram pela mão os filhos em um momento decisivo, para salvar suas vidas -, cruza o corredor humano descontraída e falando alto. A mãe congoleza agora parece se sentir em casa.

Carioca congolês

Fui, ao auditório da Paróquia do Divino Espírito Santo e São João Batista, acompanhada por Aline e Márcia em uma das terças-feiras em que visitei a Cáritas. No local em que acontece o Curso de Português avisaram que não haveria aula, mas sim a atividade participativa diagnóstica do ACNUR. Chegando lá, Márcia se encontrou com as alunas do projeto de artesanato que apresentariam o mosaico feito nas aulas. Aline conversava e cumprimentava um grupo de refugiados e solicitantes quando um deles se aproximou e apresentou-se a mim. Disse que me viu pelos corredores da Instituição e perguntou se tirava fotos para o facebook da Cáritas como o Diogo costuma fazer.

Assim que expliquei do que se tratava ele disse que gostaria de me ajudar e me contar a história de como e porquê procurou o Brasil. E brincou sobre o domínio do português:

- Se posso ajudar você, eu ajudo. Já sou carioca como você e sei falar até o carioquês!

Fica combinado que ao final da atividade do ACNUR conversaremos. A conversa acontece na sede da Cáritas quando todos retornam para lá. Descontraído, o jovem de dezoito anos brinca com os amigos que estão por perto para não interromperem porque vai dar uma entrevista muito séria.

Ainda ouvindo os comentários dos amigos ele começa a contar que veio para o Brasil há um ano e nove meses, deixando a família para trás na República Democrática do Congo, e por isso já domina não só o português, mas o sotaque carioca também. Seu maior incentivo para procurar especificamente o país foi já possuir família fixada aqui, uma tia e irmãos, há mais de dois anos. A razão pela qual quis deixar o Congo foi exclusivamente para buscar melhores condições de vida.

- Eu sei que em meu país não terei as mesmas oportunidades que posso ter aqui. O Brasil pode não parecer muito bom para os brasileiros, mas quando penso em meu país sei que o melhor está aqui e o Brasil está muito bom para mim.

Conta que ouviu falar no trabalho realizado pela Cáritas através de amigos que já estavam aqui e alguns que cogitavam a possibilidade de vir para o Brasil. E como já possuía alguns parentes por aqui, essa soma foi decisiva na hora da escolha. Reconhecido pelo CONARE como refugiado há quatro meses o rapaz vaidoso, que a todo momento ajeita o chapéu e a camisa polo, diz que o plano agora é fazer uma faculdade, porque gostaria de trabalhar na área de construção civil.

- Penso em fazer faculdade de engenharia civil e poder trabalhar com isso aqui no Brasil. E, se puder, quero ajudar minha mãe que ficou lá em minha terra, né?

Ansioso, conta que espera pela visita da mãe daqui a alguns dias e brinca que mãe é assim: ele pode estar longe, mas ela sempre quer saber como vai a vida do filho e checar se as condições e o lugar em que vive são realmente bons para que tenha saído de casa.

- Eu sou muito novo, minha mãe quer saber de meus passos. Até porque eu moro sozinho aqui, né?!

O rapaz me conta que apesar de morar sozinho está sempre recebendo amigos que chegam ao Rio procurando se fixar aqui no país e os encaminha até a sede da CARJ para que tenham a mesma orientação que ele teve. Quando fala da Cáritas é categórico sobre a ajuda e importância da Instituição no seu processo de integração no novo país.

- Se não fossem eles, não sei o que seria de mim. É por isso que trago meus amigos novos no Brasil, para cá.

Dos amigos que recebe, diz que alguns ainda ficam por mais tempo porque precisam e não têm condições de pagar um aluguel inteiro e há sempre a dificuldade de se precisar de um fiador. Com um quê do jeitinho carioca o rapaz ainda brinca, enquanto posa para as fotos, que agora é a hora de começar a namorar.

- Agora que deixei meu país para viver melhor e longe da guerra só preciso encontrar uma namorada carioca. Em meu país casamos cedo.

Quando menciona a vontade de arrumar uma namorada brasileira, com expressão séria ele comenta que infelizmente já sofreu algum tipo de preconceito. Diz que isso, às vezes, pode parecer pouco, mas desanima muitos dos que chegam para tentar um recomeço em outros países. O rapaz sorri de novo e completa que acredita na recepção do povo brasileiro como uma das melhores.

- Eu sou negro e sou de outro país, né? Mas sei que nem todos são

assim, a maioria sempre me recebeu bem.

Um pouco reflexivo ele sorri e encerra a conversa reafirmando a importância da instituição civil, CARJ, na sua recepção e processo de integração ao novo país.

- A Cáritas é uma mãe para mim! Sim, é uma mãe! Deixei minha mãe no Congo, mas aqui em minha nova terra encontrei a Cáritas!

○ solitário congolês

Com as mulheres aguardando o início do curso de artesanato e alguns outros solicitantes e refugiados esperando pelo atendimento, o movimento era grande. Um lanche foi servido e as crianças circulavam a mesa sob os olhos atentos das mães. O clima era o habitual dos dias mais cheios: onde muitos estão sentados, na varanda, à espera do início das aulas, ou do próprio atendimento, crianças correndo por todos os lados enquanto adultos mantêm conversas e risadas altas.

Enquanto conversava com o rapaz de dezoito anos, percebi certa movimentação de alguns de seus amigos ao nosso redor. Uns minutos depois de encerrar a conversa com ele, dois desses homens se aproximam e me perguntam se também podem contar suas histórias. Sentamos na mureta da varanda e apenas um deles resolve realmente falar como foi o seu caminho até o Brasil, desde que não precise tirar fotos.

Recém-chegado há quatro meses no território brasileiro, o solicitante de refúgio veio da Província de Kivu, localizada na República Democrática do Congo. Naturalmente, ele conta que no dia dez de junho vivenciou um ataque do grupo rebelde que entrou ateando fogo nas casas, violando mulheres e crianças e prendendo e fazendo alguns de escravos. Diante desse ataque, diz que não aguentou e precisou fugir, mesmo sem notícias da família.

- Eu me separei da minha família e até hoje eu não sei se estão

vivos. Tenho fé em Deus para pensar na minha família: eu estou vivo, então eles também têm que estar.- conta, um pouco engasgado com a lembrança da ausência de notícias sobre o estado e situação da própria família.

Aproveitando a fronteira com a Uganda, fugiu para lá, em busca de abrigo, mas ainda não conseguia achar que estava seguro. Sentia que a guerra o perseguia, conta em tom mais abalado. Para sua sorte, foi encontrado por um pastor que o abrigou e ajudou. Durante as duas semanas em que permaneceu na Uganda não conseguiu se sentir totalmente seguro. Contou ao pastor o que acabara de presenciar e este, comovido com a sua história, procurou uma ajuda que fosse além de abrigá-lo, para que conseguisse manter a sua segurança.

- Ele que fez tudo por mim, para que eu conseguisse sair de lá. Um dia ele veio me procurar e disse “Eu vou te ajudar, você vai viajar, vai viajar hoje?”. Fiquei surpreso e falei que não tinha condições de viajar, mas ele disse que me ajudaria.

O rapaz conta que foi levado pelo pastor até o aeroporto onde pegou um voo para São Paulo.

- Ele me levou, me fez entrar no avião e eu também não sabia que estava indo para São Paulo.

Apenas chegando a São Paulo foi que descobriu onde estava. No aeroporto conseguiu informação, apesar de não saber nada do idioma brasileiro ainda. Encaminharam-no para a Cáritas Arquidiocesana de São Paulo, mas logo percebeu que não conseguiria ser atendido imediatamente, porque o número de pessoas que procuravam por ajuda era enorme. Mais uma vez, contando com ajuda de conhecidos, conseguiu se deslocar do estado paulista para o Rio de Janeiro, onde foi encaminhado direto para a CARJ.

Conta que chegando à instituição carioca foi orientado a entrar com o pedido de refúgio e logo já estava com o protocolo provisório

de solicitante de refúgio e documentos, como Carteira de Trabalho, em mãos. Hoje, enquanto frequenta o Curso de Português oferecido pela Instituição para poder se integrar melhor ao país que escolheu, procura emprego para continuar mantendo a casa alugada, onde vive sozinho. Comenta que chegou a receber auxílio financeiro oferecido pela Cáritas nos três primeiros meses, mas sabe que agora, no quarto mês, se encerra o prazo da ajuda financeira.

Ainda assim, diz que apesar das dificuldades se sente muito melhor aqui. Apenas espera encontrar um emprego e ter notícias de sua família em breve.

- Apesar de tudo o que vivi agradeço, porque eu sei que foi Deus que colocou o pastor e a Cáritas no meu caminho. Tenho fé nisso e agradeço porque sem eles não estaria seguro hoje.

○ pai

Estava conferindo as fotos feitas naquele dia quando notei a atenção de um dos solicitantes sentado ao meu lado. Perguntei se gostaria de ver as fotos e contei para o que eram e, em seguida, perguntei se gostaria de participar. Abrindo um amplo sorriso ele me perguntou se era mesmo sério, ao que respondi que sim. Logo ele se levantou e, rindo bastante, disse que estava nervoso, mas que me contaria sim, claro, a sua história.

O homem alto se sentou novamente ao meu lado ainda rindo e alternou a movimentação de ficar de pé e se sentar novamente algumas vezes mais, enquanto lhe fazia as perguntas. Sempre sorrindo repetia o gesto de levar as mãos aos lábios, envergonhado, e querendo saber se estava indo bem e respondendo corretamente.

Ainda sorrindo contou que veio da República Democrática do Congo e que chegou ao Brasil há pouco mais de quatro meses. O homem, de vinte e nove anos, diz que assim que a região onde morava

(que preferiu não revelar qual era), sofreu um ataque de rebeldes, percebeu que precisava tirar a própria família de lá.

- Eles chegaram incendiando, atirando e matando famílias inteiras. Eu precisava fazer alguma coisa. Não era a primeira vez.

Sem condições de poder trazer toda a família, partiu sozinho de navio para o Brasil com destino ao Rio de Janeiro. Conta que logo procurou a CARJ. E diz que uma das colegas de viagem hoje também faz parte do grupo atendido pela instituição.

Assim que chegou e conseguiu seu protocolo de solicitante de refúgio já começou a procurar trabalho. Em um dado momento, interrompeu a própria fala e questionou como poderia compreendê-lo tão bem, porque não acreditava que o seu domínio do idioma fosse assim tão bom: ainda sentia dificuldade de se comunicar em boa parte das conversas com brasileiros. Quando respondi que estava falando muito bem ele novamente se levantou rindo, e, alegre, bateu nas próprias pernas sentando-se novamente onde estava antes. Aí, falou que me contaria mais sobre ele e os filhos.

Mais sério agora, ele conta que o plano inicial era trabalhar e juntar dinheiro para poder trazer a família para junto dele.

- Eu tenho três filhos que dependem de mim. Quero que fiquem seguros! Mas eu moro sozinho, pago o aluguel e as contas todas. O preço não é barato para o salário que ganho por aqui, porque estou começando e sei que a Cáritas não pode sustentar todos nós. Então, fica difícil mandar dinheiro para casa e juntar para comprar as passagens dos meus filhos e da minha família, que são caras.

Apesar de ainda não poder ter a família com ele, afirma que não pode reclamar, porque sabe que muitos viveram situações piores ou nem mesmo sabem de seus familiares.

- Eu não reclamo das dificuldades que ainda passo aqui, pois sei que muitos aqui já perderam as famílias. Então, eu agradeço muito

por ter a minha família viva, mas também quero que tenham a mesma segurança que tenho aqui no Brasil.

Sem mais rastro do sorriso, tão característico naquele rosto, diz ainda que algumas das marcas que possui nos braços são da época em que chegou a ficar preso ao ser pego após um dos ataques à região em que morava. E mais uma vez reafirma que a única coisa que quer agora é garantir a segurança da própria família levando-os para junto dele e assim recomeçar a vida em território brasileiro.

- Sabe, você é uma das poucas pessoas fora da Cáritas que já parou para conversar comigo e perguntar a minha história. Isso me deixa feliz! Eu sei que o Brasil é bom, sinto que posso viver seguro aqui porque a Cáritas me provou isso.

Notas

¹ É considerado apátrida todo indivíduo que não possui vínculo de nacionalidade com qualquer Estado, seja porque a legislação interna não os reconhece como nacionais, seja porque não há um consenso sobre qual Estado deve reconhecer a cidadania dessas pessoas.

² O diálogo reflete a maneira como a refugiada fala.

Braços da acolhida

“A HORA que eu me engessar e começar a lidar com eles como quem lida com números, eu acho que o meu trabalho e tudo o que eu acredito e tento fazer vai perder o sentido.”, disse Aline Thuller, Coordenadora da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro. Assim como ela, toda a equipe da Carj acredita que o mais importante para que se possa receber bem e lutar pelos direitos e integração dos solicitantes de refúgio e refugiados é compreender que trabalham com pessoas. Acredito, inclusive, que tenha sido uma das coisas mais marcantes que vi nos dias em que pude acompanhar a rotina da instituição. Há a troca, sempre, entre os que atendem e os que são atendidos. Mas o que é praticamente palpável é a dedicação e o amor de todos os que compõem a equipe desse programa.

Posso dizer que tive então o prazer de acompanhar um pouco da rotina dessas pessoas que realizam o atendimento na instituição. Conversei com alguns dos funcionários e descobri a forma como cada um chegou e, por fim, se fascinou com o novo trabalho. E é um pouco dessa conversa que trago nas páginas a seguir para desenhar o caminho de cada um deles até a Cáritas.

Aline Thuller

Quem vê a coordenadora Aline Thuller, de 34 anos, pelos corredores da CARJ, sempre sorrindo e brincando com os refugiados e

solicitantes de refúgio, não imagina que antes de chegar ali ela não sabia nada - de acordo com o que diz -, sobre o tema. Com sorriso satisfeito no rosto, mais uma vez sentada atrás de sua mesa, agora Aline me conta como se encantou pelo trabalho.

- Me apaixonei. É um trabalho que eu gosto muito de fazer, levando querendo vir para cá. Eu brinco com eles que tenho hora para entrar, mas não para sair. Às vezes me tranco aqui e fico até às 23h da noite trabalhando.

A expressão sorridente se transforma e seus ouvidos estão totalmente atentos agora às perguntas de alguém da equipe sobre um dos casos atendidos. Assim que a pessoa se retira, ela retoma a fala e se diz maravilhada pelo mundo que descobriu ao prestar o processo seletivo para a vaga de assistente social na Cáritas. Na verdade, foi por indicação de uma amiga, que trabalhava nessa vaga e iria se aposentar, que Aline ouviu pela primeira vez a temática sobre refúgio. As duas trabalhavam juntas em uma pesquisa na UERJ e a professora comentou que trabalhava na CARJ.

Como já era formada em serviço social, Aline, que na época trabalhava em um hospital, começou a pesquisar sobre o refúgio e decidiu tentar o processo seletivo e passou. De lá para cá já se somam seis anos e ela, que entrou como assistente social, agora trabalha como coordenadora do programa há dois anos.

Ajeitando algumas pastas sobre a mesa Aline explica que, para ela, trabalhar com refugiados ou qualquer outra população, o fundamental é que se construa uma rede onde todos que lidem com isso se comuniquem.

- É compreender que não se pode e nem deve fazer tudo sozinho. Por exemplo, tem a IKMR¹. Eles têm uma rede enorme que doam coisas para as crianças, brinquedos, fazem festas. Então, por que a gente vai ficar aqui, com o pouquinho de funcionário que temos,

com toda a dificuldade que a gente tem, parando tudo para fazer isso, quando podemos fazer uma parceria com alguém que já tem tudo isso montado e o fará da melhor forma? A ideia é de criar uma rede, para que eles não fiquem só na Cáritas, mas que outras instituições também possam apoiar, possam complementar.

Convicta, ela ainda complementa que como pioneira no atendimento de refugiados, a CARJ tenta passar essa ideia para as demais equipes que treinam em outras regiões. E acredita que, aos poucos, essa rede se estenderá e tornará a assistência ao refugiado melhor. Porque esse é o interesse: acolher da forma mais completa que for possível.

Com feições mais sérias, se ajeitando na cadeira, diz que apesar de todo o trabalho que tem feito, acredita que ainda é preciso melhorar em muitos aspectos. Sempre séria, desenvolta e convicta ao falar do trabalho que realiza, a mulher se mostra mais fechada e tímida quando peço para fotografá-la e o assunto se volta novamente para a Instituição.

Enquanto tenta se esquecer da câmera que a fotografa conta que, às vezes, sente falta do trabalho de atendimento direto aos solicitantes e refugiados que chegam a sede da CARJ.

- Sinto falta desse contato direto com eles, não quero me ver trabalhar no automático. Quando posso, procuro ir lá para fora, para conversar com eles. Acho que sinto essa necessidade como todo mundo que trabalha com essas causas. A gente precisa sempre se manter alerta para não se esquecer do ser humano que está por detrás daquelas estatísticas, ou então nosso trabalho perde o sentido. Sempre que é possível eu procuro dar um pulo na varanda e conversar e brincar mesmo com eles, sabe?

Durante a conversa podemos ouvir, vinda de uma das salas ao lado, uma voz feminina com aquela já conhecida mistura do por-

tuguês com o idioma francês. A voz alterna entre aflição e exaltação. Claramente incomodada e preocupada com a mulher, deixando transparecer angústia em seu tom de voz, Aline explica o que está acontecendo:

- Esse é um dos momentos mais difíceis, em que precisamos fazer um corte de auxílio. Provavelmente precisarei ir até lá.

Aline se despede e mais uma vez vejo a mulher voltar a ser a coordenadora firme e decidida ao sair da sala para retomar o trabalho de que tanto gosta.

Maria Daniela

Formada em Administração e mãe de uma menina de dois anos, a voluntária Maria Daniela não esconde a satisfação quando descreve a experiência de dar aulas no Curso de Português da CARJ. Ela diz que há sempre uma troca entre alunos e professores, não só no âmbito do ensino e conhecimento do idioma, mas principalmente no cultural.

Uma das primeiras pessoas que conheci no Curso de Português da Cáritas e sempre solícita, a mulher conta que procurou pela Instituição após um sonho com um refugiado sírio. No sonho, o refugiado não parecia bem e lhe pedia ajuda para não ser deportado, o que a fez acordar aflita. Daniela, que até então conhecia muito pouco sobre a questão dos refugiados e da própria crise humanitária na Síria, passou a pesquisar mais sobre o conflito que hoje já caminha para o quinto ano. Mas se informar e compreender o quadro da crise síria não era o suficiente. A mulher sentia que precisava fazer algo a respeito. Foi assim que passou a procurar lugares, no Brasil, que trabalhassem com refugiados.

- Foi legal ter esse sonho, porque antes disso os refugiados nem existiam para mim. Eu redescobri a guerra depois disso. Apesar de

ter sonhado isso, eu não sou de espiritualizar tudo. Mas é impossível não achar que tenha sido algo de Deus mesmo. Então, fiz a pesquisa mesmo e de uma em uma descoberta cheguei ao contato da Cáritas. Aí liguei, marquei uma visita e fui sozinha mesmo. - conta, sentada no sofá da sala de artesanato, após o almoço com a equipe.

Dois meses após pesquisas e procura Maria Daniela enfim chegou até a Cáritas, onde logo se prontificou ao serviço voluntário. A mulher de 38 anos já começou a trabalhar na mesma semana como professora assistente. Ela diz que, por não possuir um inglês muito fluente, não poderia dar aulas e naquela época ainda não tinha nenhuma turma de espanhol. Agora ela se soma ao grupo de voluntários que ajudam a instituição civil. Lá, realiza o serviço e se reveza entre dar aulas no curso de português e, sempre que possível, recolher e lançar campanhas de doações de donativos.

Apesar de não ser a professora titular nem possuir a própria turma, revezando com a professora Mariana, a voluntária faz questão de ir à CARJ nos dois dias, terças e quintas-feiras, de aula do Curso de Português. Ela diz que assim pode ajudar a professora sempre que possível e os alunos não correm o risco de ficar sem aula caso ocorra algum imprevisto. Daniela também gosta bastante de ajudar com as crianças. De olhos sempre atentos ela procura distrair os pequenos para que as mães possam se dedicar mais às aulas sem tanta preocupação.

Com alunos que costumam vir da Síria, Colômbia e Venezuela, ela diz que é realmente importante o professor estar sempre atento e aberto às perguntas que surgem:

- Além de eles ficarem bem felizes quando começam, enfim, a compreender e se comunicar melhor em português, existem aqueles momentos de aulas que não são aulas. Às vezes algum fragmento de um dos textos da apostila traz questionamentos de como funcionam as coisas no país de cada um, já que existe essa diferença na turma

de espanhol. Nesses momentos, alguns deles costumam se abrir mais sobre o que deixaram para trás e qual era a situação do país e da própria família que, em muitas vezes, não consegue vir junto. Quando você vê, virou um tipo de desabafo, sabe? Eles têm essa necessidade de expressar certas perdas e experiências. Costumo dizer que somos professores e psicólogos.

Como mãe de uma bela menina de dois anos, de quem exibe fotos orgulhosa para mim e para Márcia na sala de artesanato, ela afirma que está sempre olhando pelas crianças na CARJ porque pensa muito em como seria se fosse a filha dela ali. Diz que é muito difícil conseguir criar os filhos pequenos nessas condições e, por isso, se solidariza tanto com as solicitantes e refugiadas que têm filhos pequenos.

Distraída ela mexe nos cabelos curtos e loiros e diz que depois de pesquisar por instituições que realizassem algum tipo de trabalho com refugiados pelo Brasil, se sente motivada em abrir a própria ONG. O cenário que encontrou no estado do Rio de Janeiro criou esse desejo. Comparado ao cenário visto em São Paulo, que é de um crescente de instituições que trabalham e realizam algum tipo de serviço de ajuda aos refugiados e solicitantes de refúgio, o Rio ainda possui poucos locais do tipo.

- Sei que é difícil, mas é um sonho que realmente tenho por ver a batalha da Cáritas para conseguir ajudar a todos eles. Todos nós precisamos ajudar essas pessoas.

Com interesse especial pelos refugiados que costumam vir do Oriente, Maria Daniela conta que sempre ajuda a levar famílias sírias e curdas para a Cáritas, onde sabe que encontrarão ajuda para recomeçar.

- Gosto de conhecer a história deles e poder ajudar da melhor maneira que puder.

Atualmente desempregada, Maria diz que já chegou a recusar

boas oportunidades de emprego porque seria preciso abandonar o serviço voluntário que realiza na CARJ. No entanto, ela afirma que não tem esperanças nem o objetivo de conseguir uma vaga fixa na equipe da instituição, porque sabe que são muito poucas.

Além do desejo de abrir a própria ONG, ela planeja viajar para algum outro país onde possa contribuir também com trabalho voluntário. Uma das hipóteses era viajar para Atlanta e trabalhar com crianças refugiadas junto à igreja por, pelo menos, seis meses.

Lara Olej

A primeira vez que Lara ouviu falar sobre a Cáritas foi por uma cunhada que ao saber do interesse dela pela área de psicologia social comentou que um professor havia citado a instituição em uma das aulas e que parecia o tipo de projeto que procurava. Como estava envolvida com outros projetos na época, a psicóloga acabou esperando aparecer outra oportunidade.

Assim que conseguiu um pouco mais de tempo ela procurou a sede da CARJ. A idéia era se candidatar a uma vaga fixa ou como voluntária. Duas semanas depois já foi chamada, como voluntária, para trabalhar auxiliando Márcia nas aulas de artesanato do Projeto Refazer. Já somando cinco meses de trabalho na instituição, Lara não consegue se ver longe do projeto.

- Sendo voluntária, na verdade, eu eventualmente preciso faltar. E quando isso acontece o meu dia funciona de maneira completamente diferente. Falta uma parte mesmo do meu dia.

Hoje, recém-formada em psicologia, Lara se diz totalmente impressionada e apaixonada pelo mundo que descobriu dentro da Cáritas. Antes de trabalhar na instituição a jovem, de 29 anos, não tinha contato nenhum com a questão dos refugiados. Tudo o que sabe sobre o assunto surgiu através da CARJ, e com as pesquisas e vivências

que vieram depois que entrou e começou a trabalhar no projeto.

- Os números são absurdos! Eu realmente não tinha noção, foi tudo via Cáritas.

Como voluntária no Projeto Refazer a psicóloga, formada pela UFF, atualmente trabalha nas segundas e terças-feiras, apenas no horário das aulas, das 14 às 16h. Como apoio, Lara diz que faz as aulas junto com as alunas, buscando sempre criar um ambiente mais cômodo e familiar para que elas possam se abrir aos poucos já que é complicado trabalhar individualmente com cada uma durante a aula.

Lara está acostumada a trabalhar com casos que necessitam da construção de confiança antes de conversar efetivamente. Anteriormente, trabalhou no Conselho Tutelar de Niterói e em um centro de álcool e drogas. Agora, como parte do corpo voluntário da CARJ, a mulher de cabelos ruivos enfatiza que é muito importante respeitar o espaço das solicitantes e refugiadas e não forçar a conversa, mas estar sempre com os ouvidos atentos e a postos.

- Eu sinto que as coisas aparecem eventualmente e o meu papel é trabalhar cada questão que surge. Trazer algum tipo de intervenção que seja leve. O importante é que possa ser tratado da mesma maneira que o assunto aparece, como se fosse uma conversa mesmo, porque elas não estão acostumadas ao local em que estão. Como abraçar e beijar na rua que, para elas, não é normal. Então, tento as fazer tratar com leveza, explicar como as coisas funcionam por aqui e discutir isso com elas. Eu acho que são conversas que têm um pouco mais de significado. Nesse momento, eu acho que a gente se acompanha nas aulas, não definiria como um acompanhamento médico, por assim dizer.

A psicóloga sorri animada quando fala do quanto trabalhar na instituição mudou a sua visão. Principalmente pela troca que acontece entre funcionários e solicitantes e refugiados. Por realizar um trabalho

mais próximo das mulheres, Lara diz que é impressionante quando conhece melhor a história de cada uma das alunas e ver o sorriso delas ali sempre presente e a maneira como encaram o mundo.

- É o jeito que elas passam por isso. Geralmente elas estão longe de casa, da família, com criança, grávidas, sem emprego...é muita informação! Às vezes me sinto muito pequena diante da vida delas. Quando começa a escutar as histórias você vê que não tem problema e sente até vergonha de reclamar no dia a dia. Elas são incríveis e nos ensinam muito!

Paulo Luiz Gomes

O auxiliar administrativo da Cáritas, Paulo, é o responsável pelo primeiro contato dos solicitantes e refugiados com a instituição. Sentado em sua mesa na recepção ele conta que chegou até lá por indicação da irmã. O homem simpático, de 42 anos, diz que, ao receber aqueles que procuram auxílio da CARJ, é preciso ver se são solicitantes ou refugiados.

Assim que os separa em solicitantes e refugiados ele inicia sua rotina de trabalho. Quando é um solicitante de refúgio ele identifica o idioma e oferece um formulário adequado e o encaminha para a Polícia Federal para que consiga fazer a solicitação de refúgio e o protocolo provisório. E, por fim, pede para que assim que tiverem esses documentos em mãos retornem para que sejam atendidos novamente por ele.

Ao retornarem, os solicitantes são encaminhados, por Paulo, para um dos assistentes sociais da equipe e, em seguida, para o advogado. Por último, são orientados para tirar o CPF e a carteira de trabalho. O auxiliar conta que nem sempre consegue vencer a barreira do idioma e conta com a ajuda de algum dos voluntários.

Sempre bem humorado Paulo agora adota um tom sério enquan-

to explica que, em se tratando de um refugiado, o procedimento que faz é outro.

- Quando é refugiado, eu vejo o que ele quer. Pode ser fazer curso ou algo assim e aí encaminho para a assistente social. E se for alguma viagem eu encaminho para o advogado. Também sou o responsável pela renovação da documentação deles. Quando é solicitante ele tem que renovar a cada 180 dias. Vira e mexe ajudo a levá-los ao hospital também.

Há cinco anos na instituição Paulo diz que mudou completamente de vida. Acostumado a lidar com o comércio e trabalhar como analista de crédito, o emprego na Cáritas transformou a rotina do auxiliar administrativo.

- Eu gosto de trabalhar aqui, eu lido com pessoas diferentes e me sinto muito bem pelo o que faço aqui. Porque eu sei que a Cáritas ajuda essas pessoas todas.

Sempre um dos mais animados e brincalhões na hora do almoço, Paulo muda completamente ao falar do trabalho que ajuda a realizar na CARJ.

- Eu vejo isso aqui como um grande órgão que ajuda bastante quem precisa. De verdade eu daria é nota 10 para a Cáritas, porque eu sei que ajudam no que é possível mesmo.

Quando começo a fotografá-lo ele volta ao humor habitual e brinca:

- Agora posso fazer uma pose para você não ficar só com foto feia aí, né? Autógrafo também.

Márcia Gomes

Ao final de uma das aulas de artesanato extras, para terminar a demanda das bijuterias para a Feira da Providência, Márcia conversa comigo. A senhora de 51 anos, cabelos loiros e sorriso fácil, conta

orgulhosa que faz parte da Cáritas desde 2005. Nessa época as aulas eram apenas para os homens e aconteciam ainda na casa de acolhida e na sede da Glória. Aos poucos resolveram mesclar as aulas, mas percebendo que os homens intimidavam um pouco as mulheres as aulas chegaram ao formato atual só para as solicitantes e refugiadas, a nomeada Oficina Desabrochar.

A artesã conta que seu caminho até a CARJ aconteceu através de um convite. Márcia que trabalhava em um atelier de decoração foi convidada para fazer trabalho voluntário na Igreja de São Camilo de Lellis, na Usina. A mesma pessoa que fez o convite serviu como intermediária para um funcionário da Cáritas que viu o trabalho que a artesã realizava na igreja, com uma turma de meninas. Dias depois ligaram no atelier convidando Márcia para dar aulas no projeto de artesanato da instituição. Ao saber que o trabalho seria feito apenas com homens a artesã ficou em dúvida, mas acabou topando porque seria por apenas seis meses.

Márcia foi convidada para continuar assim que conseguiram renovar o projeto. E, como ela mesma gosta de dizer, foi apenas ficando e ficando até se dar conta de que não conseguia mais se desvincular da instituição. Hoje, independente do número de coisas que tenha para fazer, sempre arruma um jeito de encaixar o projeto da CARJ.

- Há quase dez anos aqui já vi tanta mudança, principalmente nas mulheres...Elas já chegam falando mais, se comunicando e brincando, nada de cabeça baixa como era no início, quando as aulas eram mistas. Acho que estraguei todo mundo!- brinca, referindo-se à mudança resultante do próprio trabalho.- Ver que o nosso trabalho ajuda é maravilhoso, não posso me desvincular disso, delas principalmente, sabe? Eu não me esqueço de ninguém, nenhuma delas. Às vezes é até chato voltar e ver que a turma mudou, porque elas sempre arrumam o que fazer nesse tempo e aí é difícil conseguir vê-las de

novo. Só vejo as que realmente resolvem continuar no projeto.

A artesã que ama o que faz se lembra de como eram as primeiras turmas e aponta os trabalhos de cada uma delas pendurados e espalhados por toda a decoração da sala onde acontecem as aulas. Explica que permanece na instituição porque percebe essa troca e dedicação vindas das alunas. E, mais uma vez, enfatiza:

- Acho impressionante como eles se comunicam. Outro dia uma das alunas me contou que assim que ela chegou queria me conhecer, saber quem era a Márcia. Porque falaram de mim quando ela ainda estava lá no país dela. É gostoso sentir esse carinho delas por mim, sendo passado de uma para a outra. Não posso sair, me sinto abandonando elas. Eu, realmente, não consigo nem pensar em sair, até porque amo o que faço.

Mãe de dois filhos e avó de dois netos, Márcia diz que na Cáritas encontrou mais um pedacinho de família.

Matteo Theubet

O jovem advogado Matteo, de 26 anos, por ter nascido em Genebra, sempre teve interesse em trabalhar na área de direito humanitário internacional durante toda a trajetória acadêmica e de estágio. Foi por um círculo de amigos em comum que foi apresentado ao Fabrício que também trabalha no setor jurídico da Cáritas. Por ter pretensões de fazer mestrado fora do país e em atuar neste campo, achou que antes seria bom adquirir experiência prática nesse âmbito.

Hoje, ele é responsável pelo atendimento dos solicitantes e refugiados que chegam à Instituição. Costuma dizer que o trabalho que realiza é dividido em três áreas: atendimento e resolução de problemas como a reunião familiar, solicitação de viagens, até múltiplos problemas na Polícia Federal que os atendidos têm com relação ao protocolo porque às vezes eles têm o atendimento negado; os outros

90% do trabalho que realiza são os pareceres, que é a pesquisa realizada para que saibam da real situação nas regiões dos que solicitam o refúgio, para entender a história dessa pessoa. Esse último aspecto remete ao terceiro ponto de trabalho, que são as entrevistas.

O rapaz sempre desenvolto explica como é realizado o parecer de elegibilidade:

- Eu tento, a partir da entrevista que faço com a pessoa, enquadrar a situação dela numa situação de refúgio. A partir disso a resposta pode ser positiva ou negativa. Se for negativa, cabe um recurso em prazo de 15 dias, com o Ministro da Justiça. E aí a gente ajuda a pessoa a redigir o recurso e ela fica esperando a resposta.

Por ser parte do setor jurídico, Matteo é um dos advogados responsáveis pelas entrevistas com os solicitantes após a primeira já realizada com a equipe de assistentes sociais. Apesar de integrar a equipe fixa da Cáritas, o rapaz ainda é professor voluntário do curso de português da instituição e também responsável por uma das turmas de língua francesa uma vez na semana.

Durante as aulas, sempre que possível, ele tenta tirar as dúvidas dos alunos, ainda que esta disponibilidade demande passar um pouco do horário, como aconteceu no dia em que o conheci na saída do curso. O rapaz está sempre disposto a tentar esclarecer qualquer interrogaçãozinha que fique ali, na cabeça de seus alunos.

- Eu gosto do trabalho que faço aqui, dos dois. Tanto a parte jurídica quanto o trabalho voluntário no curso. É uma boa poder unir as duas coisas, sabe? A parte burocrática com a mais humana de estar ligado ao convívio mais direto com essas pessoas. Uma coisa ajuda bastante à outra.

Matteo está cursando a pós-graduação em Ajuda humanitária e ao desenvolvimento, pela PUC, junto com um dos colegas de trabalho, o assessor da CARJ Diogo.

Diogo Felix

O jornalista Diogo, de 31 anos, formado pela UERJ, sempre teve a vontade de estar no centro dos acontecimentos, cogitando até ser correspondente de guerra. Após alguns anos trabalhando na área, sentiu que não queria seguir a vida naquela profissão. E, mais uma vez, a vontade de estar onde as coisas acontecem o impulsionou. Ele começou a estudar para a prova do Instituto Rio Branco para se tornar diplomata e acabou se interessando pela área de direitos humanos e refugiados.

- Nós, jornalistas queremos mudar o mundo, você deve saber bem disso... - ele sorri, cúmplice - Então, eu pensei que, talvez tentar ser diplomata fosse uma solução. Mas eu ainda estava um pouco perdido após a desilusão com o Jornalismo.

Foi assim que a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro surgiu na vida do rapaz. Atualmente assessor de comunicação do projeto Cáritas Rio de Janeiro, pelo ACNUR, conta que decidiu não fazer mais a prova para o Rio Branco e sim tentar achar algum trabalho na área de direitos humanos que lidasse com refugiados. Pesquisando, descobriu o ACNUR, que era apenas em Brasília, e acabou encontrando a CARJ como uma das instituições civis parceiras e se voluntariou.

Começou como voluntário dando aulas para as turmas de língua francesa no Curso de Português, por achar que seria uma boa experiência fazer trabalho nessa área. Diogo fez uma entrevista e, dois meses depois, foi chamado para trabalhar como voluntário no curso, onde deu aula por cerca de um ano. Como ainda estava empregado pela FIFA, precisou deixar o trabalho voluntário para cobrir a Copa do mundo sediada no Brasil. Após a Copa voltou para a CARJ, mas com a intenção de trabalhar em outra área, apesar de ter gostado e adquirido experiência em algo que até então não conhecia.

E logo Diogo conseguiu a vaga fixa pelo ACNUR, para trabalhar

na instituição. Ele explica que, um ponto forte do trabalho que faz na CARJ, é o exercício da humanização. Sente-se responsável por ajudar as pessoas de fora desse ambiente a compreenderem que há sempre um ser humano por detrás do número anunciado naquela matéria no telejornal ou mesmo nos jornais online e impressos.

O assessor administra a página da instituição civil no Facebook com questões que sejam interessantes para a temática do refúgio, principalmente se for dentro do contexto do Brasil. Vê também outras discussões e crises humanitárias que acabam tendo reflexo aqui. Além disso, ainda escreve algumas matérias e histórias para o site do ACNUR sobre os solicitantes e refugiados que passam pela CARJ. Diogo também trabalha a questão da humanização da situação dos solicitantes e refugiados ao escrever histórias mais curtas que coloca no perfil da Cáritas no Facebook, pois a instituição não possui um site atualmente. A intenção é mostrar um pouco da trajetória dos que buscam refúgio no Brasil e alguns de seus sonhos para a nova vida que aqui pretendem construir. É revelar e apresentar aos que pouco conhecem esse lado mais humano da situação de refúgio.

- Às vezes, a gente tem a imagem do refugiado maltrapilho, fugindo e atravessando um deserto, todo ferrado. Existe, é claro. Mas tirando toda essa imagem que você possa construir pelo senso comum, eles são pessoas que querem trabalhar, estudar, construir e cuidar da família. E é por isso que trabalho muito essa questão: o que quero é, exatamente, mostrar o lado humano deles.

Quando perguntado sobre o trabalho que realiza na Cáritas ele conclui, sorrindo:

- O trabalho na Cáritas me ajudou a encontrar um sentido para a minha profissão, porque eu já tinha desistido e desencantado mesmo. Então, foi muito importante sim, embora eu perambule pelas duas áreas agora. Com um pouco de Relações Internacionais voltei a

gostar de Jornalismo, nessa temática. Posso dizer que até então nunca trabalhei com nada que parecesse sensacional, que eu visse ter uma utilidade real, um retorno sabe? Já lá na CARJ você tem que fazer a diferença. De novo, a coisa de todo jornalista que acha que vai mudar o mundo. - brinca o rapaz - Mas lá, se você não muda o mundo, muda a vida de algumas pessoas. Estou voltando a gostar de fazer meu trabalho como jornalista.

Notas

¹ IKMR – Eu conheço meus diretos. É uma ONG sem fins lucrativos, que tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças refugiadas no Brasil.

Uma porta de saída

COM APENAS oito funcionários fixos e a ajuda de voluntários, a Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro realiza um trabalho que modifica a vida de muitas pessoas. Prova disso é o crescente número de solicitantes e refugiados que buscam a Instituição. Se até outubro o Brasil recebeu 8.302 solicitações de refúgio, a Carj, até junho de 2014, registrou 1542 novos casos. Desses, 307 chegaram ao estado do Rio de Janeiro e 1235 aos estados da região sul. Ambos são responsabilidade da Instituição.

Ainda nesse período, o número de solicitantes e refugiados cadastrados no sistema da Cáritas, que estão vivendo no Estado do Rio de Janeiro, chega a um total de 2486 refugiados e 1502 solicitantes de refúgio. A maior parte dessas pessoas atendidas é da República Democrática do Congo e da Síria.

Segundo o relatório divulgado pela Internal Displacement Monitoring Centre, a cada 3 segundos uma pessoa foi forçada a deixar sua casa para fugir da violência de conflitos armados em 2014. A UNHCR já quantifica 46,5 milhões de deslocados e 18 milhões de refugiados em todo o mundo. Cerca de quatro milhões desses refugiados são sírios. No Brasil, o número de solicitações de refúgio de cidadãos vindos da Síria também registrou um recorde em 2014, totalizando 1.326, de acordo com o CONARE. Um crescimento sig-

nificativo quando comparado aos dezesseis refugiados sírios no território brasileiro em 2011.

O aumento do número de refugiados e solicitantes da Síria é explicado pela Resolução Normativa (#17) tomada pelo CONARE, em 2013, após o conflito sírio se agravar. A Resolução foi criada para facilitar a emissão de vistos para os cidadãos sírios e outros estrangeiros afetados pela guerra e por isso solicitam refúgio no Brasil. Desde então, a maior parte dessas solicitações relacionadas à guerra na Síria, é aprovada. De acordo com o Comitê, o Brasil é hoje o líder no acolhimento de refugiados sírios na América Latina.

Na divisão geográfica acordada entre CONARE, ACNUR e a Rede de Proteção Social da Sociedade Civil, a CARJ ficou responsável por apoiar a população refugiada nos seguintes locais: Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, todos os estados do Nordeste, todos os estados do Sul, Manaus, Amapá, Roraima, Tocantins e Pará. Além de ser a instituição pioneira, por atuar desde 1976, no atendimento a refugiados e solicitantes.

Atualmente, a Instituição tem recebido solicitantes e refugiados, além dos que vem da República Democrática do Congo e Síria, de lugares, como: Líbano, Bangladesh, Irã, Paquistão, Senegal, Angola e Colômbia. Das pessoas atendidas pela Cáritas, 93% estão na faixa etária de 18 a 59 anos e 77% são homens. Desses apenas 5% possui ensino superior completo ou em curso, enquanto 59% já têm o ensino fundamental. Após a chegada ao Brasil, cerca de 50% das mulheres e 70% dos homens já conseguiram se inserir no mercado de trabalho.

Um dos maiores problemas enfrentados na integração ao novo país ainda é a moradia, como levantado na própria avaliação diagnóstica feita pelo ACNUR com os solicitantes e refugiados da CARJ. A orientação que se tem é de que sejam encaminhados para os abri-

gos oferecidos pela Prefeitura. No entanto, nem sempre há vagas e a maioria prefere tentar alugar uma casa dado o precário estado da maior parte dos abrigos.

A Instituição possui uma casa de acolhida cedida por uma paróquia com 10 vagas. E só acolhem homens porque são a maioria. Contudo, a casa costuma ficar aberta apenas por seis meses, por falta de recurso. Vez ou outra alguma paróquia doa alimentos ou eles recebem outras doações e conseguem manter a casa aberta. Atualmente, a paróquia ajuda nas despesas de água e luz.

- O que está funcionando hoje de acolhida no Rio de Janeiro é o que chamamos de solução caseira: é um refugiado que recebe outro refugiado ou solicitante. Ou, então, um brasileiro que abre a casa para receber um refugiado. Na semana passada, uma brasileira veio aqui para resolver a situação de um sírio. Aí, tinha um outro sírio aqui, e ela o levou para casa também.

A coordenadora enfatiza que a situação de abrigo é a mais grave no Rio porque não existe um lugar específico para receber migrantes e refugiados. E, por isso, uma das maiores brigas com o estado é conseguir uma casa nos moldes da inaugurada em São Paulo: a Casa de Passagem Terra Nova, localizada em Bela Vista, com 50 vagas. Ela ainda defende que não é uma casa para que morem, mas uma casa de passagem.

- Para um migrante e um refugiado é o início. É um recomeço. Ele precisa daquele espaço por mais ou menos uns 3 meses. Porque, geralmente, em 3 meses, ele já mais ou menos fala o idioma, ele já está fazendo mais ou menos alguma coisa para ganhar dinheiro. Então, para ele, é uma casa de passagem. E o nosso trabalho é criar portas de saídas para eles. Criar possibilidades para que possam recomeçar.- explica a coordenadora.

E é exatamente como essa porta de saída que a instituição atua na

vida de cada um desses refugiados e solicitantes de refúgio. A CARJ cria condições que possibilitem um novo início para essas pessoas. Um trabalho realizado há incansáveis 38 anos. Uma varanda repleta de histórias de recomeço.

Último fôlego

Varanda vazia. Uma das mulheres sentada junto à mureta usa uma agulha para fazer a pulseira. Ela intercala linhas trançadas a uma corrente dourada enquanto seu bebê rressona, tranquilo, atado a suas costas por um tecido colorido. Os funcionários almoçam a portas fechadas na mesma sala onde as mulheres se reúnem para as aulas de artesanato. Hoje, sem o som das conversas altas sempre tão fortes e animadas e, tampouco, as risadas e gargalhadas tão alegres. Pode-se ouvir o som da cidade, dos carros e alguns pássaros que persistem em pleno centro urbano.

Dois homens chegam, trocam “Bom dia” com a mulher que, tranquilamente, continua tecendo a pulseira. Depois permanecem em silêncio. Márcia sai da sala com uma fatia de bolo de cenoura com cobertura de chocolate e a entrega para a mulher. Trocam algumas poucas palavras e ela retorna para a sala. Uma senhora com um lenço na cabeça e passos firmes, a cozinheira, sai da sala e busca pelas toalhas de plástico usadas para cobrir a mesa, ajeita os bancos da varanda e retorna as suas atividades. Cosme anda de um lado para o outro, tranquilo, cuidando dos afazeres.

Os dois homens iniciam uma conversa em tom mais baixo, cada um de seu próprio banco. O bebê acorda e a mulher é chamada por Márcia enquanto procura um de seus utensílios que caiu para fora da varanda. Ao longe, os pássaros começam a ser substituídos por sons de alguma obra aos redores. Na parede seguem colados os avisos: Não haverá atendimento e aula de português nos dias x e y (quintas-

-feiras)! Atenciosamente Equipe CARJ”.

O vento sopra uma brisa mais fresca do que a do dia anterior e junto ao som de sirenes vêm os primeiros pingos de chuva do céu nublado e atípico para o horário de uma e vinte da tarde. Na porta da “sala das mulheres”, o aviso de “Não entre” do dia anterior ainda lembra a atividade realizada com a ajuda do Teatro do Oprimido durante a festa do marco do Dia universal da criança.

Aline sai da sala e cumprimenta os três homens que agora aguardam, com um “Olá olá!”, e segue para a sua sala. Logo os atendimentos recomeçarão. A estante e a mesinha, da sala de artesanato seguem na varanda. E os pula-pulas, agora desmontados, encostados junto à mureta da varanda. É como se as janelas e portas estivessem retomando o fôlego e descansando do dia anterior.

Mais um dia que se inicia na varanda azulejada e na história dos quase 40 anos da Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro.

Notas

¹ Os dados são aproximados de acordo com as informações fornecidas pelos próprios refugiados, sem comprovação, e de acordo com os registros da própria Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro.

² Os dados são referentes a população em idade economicamente ativa e contabilizam tanto a inserção no mercado de trabalho formal quanto no informal. São informações fornecidas pelos próprios refugiados, sem comprovação, e de acordo com os registros da própria Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro.

*Organizações da sociedade civil
parceiras do ACNUR*

Das que prestam assistência a solicitantes de refúgio e refugiados:

— Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro

Tel.: (21) 2567-4177/ 2567-4105

End.: Rua São Francisco Xavier, nº 483 – Bairro do Maracanã. Rio de Janeiro, RJ Cep: 20550-011

Email: carj.refugiados@caritas-rj.org.br

Página no facebook: Cáritas RJ

— Cáritas Arquidiocesana de São Paulo

Tel.: (11) 3241-3239

End.: Rua Major Diogo, nº 834 – Bela Vista - SP

Email: casp.refugiados@uol.com.br

Página no facebook: Cáritas Arquidiocesana de São Paulo

Site: <http://www.caritassp.org.br/>

— Instituto Migrações e Direitos Humanos

Tel.: (61) 3340-2689

End.: Quadra 07, Conjunto C, Lote 01 – Vila Varjão/Lago Norte, Brasília, DF Cep: 71540-400

Email: imdh@migrante.org.br

Site: <http://www.migrante.org.br>

Das que prestam assistência a refugiados reassentados:

— Associação Antônio Vieira

Tel.: (51) 3154-0140

End.: Porto Alegre, RS

Email: refugiados9474@yahoo.com.br

Site: <http://www.asav.org.br/>

— Centro de Defesa dos Direitos Humanos

Tel.: (11) 2358-9606

End.: Guarulhos, SP

Email: cddh.guarulhos@gmail.com

Referências

ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. **60 Anos de ACNUR: Perspectivas de futuro**, 2011. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2011/60_anos_de_ACNUR_-_Perspectivas_de_futuro> . Acesso em: 15 Jan 2014.

_____. **Coletânea de Instrumentos de Proteção Nacional e Internacional de Refugiados e Apátridas**. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2012/Lei_947_97_e_Coletanea_de_Instrumentos_de_Protecao_Internacional_de_Refugiados_e_Apatridas> Acesso em: 15 Jan 2014.

_____. **Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados**, 1951. Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados> . Acesso em: 15 Jan 2014.

_____. **Declaración de Cartagena Sobre Refugiados**. 1984. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/BDL/2001/0008>> . Acesso em: 05 Fev 2014.

_____. **Protegendo Refugiados no Brasil e No Mundo**, 2014. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc>>

php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Publicacoes/2014/Protegendo_refugiados_no_Brasil_e_no_mundo_2014> . Acesso em: 20 Mar 2014.

_____. **Refúgio no Brasil:** Uma análise estatística (2010 – 2012). Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_-_Uma_analise_estatistica_2010-2012> Acesso em: 15 Maio 2014.

_____. **Refúgio no Brasil:** Uma análise estatística (2010 – 2013). Disponível em <http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Refugio_no_Brasil_2010_2013.pdf> Acesso em: 29 Set 2014.

_____. **Refúgio no Brasil:** Uma nova vida com dignidade e segurança. Disponível em: <<http://www.acnur.org/t3/fileadmin/scripts/doc.php?file=biblioteca/pdf/5479>> . Acesso em: 15 Maio 2014.

